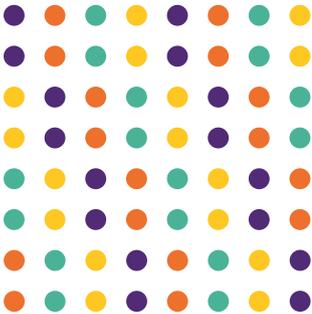


# BREVES ENSAIOS

---



ENTRE  
DOCÊNCIAS E  
PESQUISAS  
SEMINÁRIO  
GPeMC/GPAP  
Mediação Cultural/Arte na Pedagogia

---

Adriana Liza  
Ana Carmen Nogueira  
Estela Maria Oliveira Bonci  
Mário Fernandes Ramires  
Mirian Celeste Martins  
(orgs.)

 editora  
**LiberArs**



Universidade Presbiteriana  
**Mackenzie**

# BREVES ENSAIOS: ENTRE DOCÊNCIAS E PESQUISAS

Adriana Liza  
Ana Carmen Nogueira  
Estela Maria Oliveira Bonci  
Mário Fernandes Ramires  
Mirian Celeste Martins  
(orgs.)

1ª edição



 editora  
**LiberArs**

São Paulo  
2021

Copyright©2021 *Mirian Celeste Martins, Adriana Liza, Ana Carmen Nogueira, Estela Maria Oliveira Bonci, Mário Fernandes Ramires.*

Todos os direitos autorais publicados neste livro estão reservados aos autores e foram cedidos para uso da Editora LiberArs, exclusivamente para a publicação desta obra. E o conteúdo desses textos é de inteira responsabilidade de seus autores.

Capa, Projeto Gráfico, Diagramação e Produção:  
*Ana Carmen Nogueira*

Revisão técnica:  
*Estela Maria Oliveira Bonci*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

B828            Breves ensaios: entre docências e pesquisas –  
Seminário GPeMC/GPAP – Mediação Cultural/Arte na  
Pedagogia/ organizado por Mirian Celeste Martins ... [et al.].  
- São Paulo : LiberArs, 2021.  
83 p. : il. ; PDF ; 1,43 MB.

Inclui bibliografia e índice.  
ISBN: 978-65-5953-054-0 (Ebook)

1. Educação. 2. Pedagogia. 3. Formação de educadores.  
I. Martins, Mirian Celeste. II. Liza, Adriana. III. Nogueira, Ana  
Carmen. IV. Bonci, Estela Maria Oliveira. V. Ramires, Mário  
Fernandes. VI. Título.

CDD 370.71  
CDU 37.02

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Formação de educadores 370.71
2. Formação de educadores 37.02

# SUMÁRIO

---

## **PREFÁCIO - 6**

Márcia Strazzacappa

## **APRESENTAÇÃO - 10**

Mirian Celeste Martins

## **ARTE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES I - 15**

Educação do e no corpo de professores/as de crianças - 16

Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi

Reflexões sobre o uso de imagens em cursos de Pedagogia - 18

Mário Fernandes Ramires

Experiências na formação de professores ribeirinhos - 20

Renata Queiroz de Moraes Americano

O diálogo do possível: arte, cultura e pedagogia - 22

Veronica Devens Costa

## **ARTE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES II - 25**

Constelações potenciais no universo da formação cultural e artística dos estudantes de pedagogia - 26

Estela Maria Oliveira Bonci

Escuta e acolhimento na docência: partilhas em arte na formação continuada - 28

Jéssica Mami Makino

inCORPORando a formação de educadores - 31

Mirza Ferreira

Ensinar arte = encontros porosos à vida? - 34

Mirian Celeste Martins

## **LINGUAGENS DA ARTE I - 37**

Dança com crianças em espaços virtuais - 38

Adriana Vilchez Magrini Liza

Ensino de arte na virtualidade: como alcançar pontos distantes? - 41

Lelê Ancona

Encáustica e o Ateliê Efêmero - 45

Ana Carmen Nogueira

As veladuras do viver pedagógico: o voo das águas - 48

Solange Utuari

## **LINGUAGENS DA ARTE II - 52**

Vem, eu te ensino a fotografar a borboleta - 53

Aurelice da Silva Vasconcelos

Arte, imagens, vida: caminhadas e afetos com estudantes e outros companheiros de jornada - 57

Rita de Cássia Demarchi

Teatro na escola como prática de liberdade - 60

Marcia Cristina Polachini

Aproximações à Cultura Visual em uma trajetória de formação - 62

Mariane Blotta Abakerli Baptista

## **ARTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA - 65**

Caminhadas-cortejo como prática mediadora entre educação, arte, cidade e as infâncias - 66

Dilma Angela da Silva

Criança espaço expositivo e arte contemporânea: antropofagia de aprendizagens - 69

Maria Filippa da Costa Jorge

Frames do Projeto Anima Barretos: Festival de Animação, Tecnologia, Professores de Arte e o Audiovisual na Escola - 71

Maria de Lourdes Sousa Fabro

Desenho e colagem pensados enquanto duração: uma proposta para os anos iniciais do Ensino Fundamental - 74

Maria José Braga Falcão

## **QUEM SOMOS - 77**

# PREFÁCIO

---

## Sobre a necessidade de se reinventar e a capacidade de agir

Márcia Strazzacappa

Em maio de 2021, o Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia/GPAP e o Grupo de Pesquisa em Mediação Cultural/GPeMC, ambos vinculados à Universidade Mackenzie de São Paulo, realizaram o Seminário Entre Docências e Pesquisas. Após ter participado do primeiro Simpósio Internacional Formação de Professores em Arte e Pedagogia (Simpósio do Mackenzie” como carinhosamente o denominou), em 2015, passei a reservar a primeira semana de junho para as edições subsequentes, pois o evento se tornou uma data cativa em minha agenda pessoal e uma atividade recomendada enfaticamente às/aos orientandas e orientandos do Laborarte. Participei dos Simpósios como palestrante, integrante de mesa redonda, moderadora e ouvinte. Independente do local, se na plateia ou no palco, o entusiasmo por estar lá era uma constante.

O Seminário foi uma reinvenção e ocorreu de forma virtual por conta da Covid 19<sup>1</sup>. Minha participação nesta edição foi como mediadora da sessão que tratava de Linguagens da Arte. Para minha surpresa, identifiquei que ter sido totalmente virtual contribuiu para intensificar a potência e garantir o sucesso do evento.

Para mim, desde 2000, quando comecei a trabalhar com profissionais de saúde<sup>2</sup>, passei a rever alguns

---

1 Não vou neste prefácio adensar uma discussão sobre a pandemia, porém, é inevitável citar a inépcia de governantes que fez com que o país alcançasse a marca de 545 mil vidas perdidas.

2 Primeiro com a clown Dona Clotilde na pós-graduação de Medicina da USP, depois ao desenvolver uma metodologia ativa para a formação de médicos na Unicamp denominada Medical Education Empowered by Theatre/MEET.

paradigmas, afinal, foi justamente ao estar em contato com profissionais que não são especialistas do campo da arte nem da educação que identifiquei de forma mais contundente os benefícios da arte na vida das pessoas. Foi com estes mesmos profissionais que aprendi a ressignificar alguns conceitos como sucesso, por exemplo. Para profissionais do campo da saúde, sucesso é criar um procedimento clínico (ou descobrir um remédio), que seja eficaz, que possa ser utilizado em grande escala, por muitos profissionais da saúde para beneficiar o maior número de pessoas no menor espaço de tempo. Então, sucesso na saúde implica reprodutibilidade e responsividade, ou seja, algo que possa ser facilmente reproduzível e que tenha grande alcance de resposta. Já no campo da arte, sucesso indica justamente o contrário, isto é, supõe a não-reprodutividade. O sucesso do/a artista está relacionado à sua exclusividade. O/A artista cria um personagem, ou uma cena, uma obra, um número de malabarismo, uma coreografia que apenas ele/ela seja capaz de executar. O sucesso vem de sua genialidade em ser único/a, repousa na exclusividade de sua ação, um feito que pode atrair um grande público, (ou pensando no mundo das redes sociais, ter muitas visualizações, aumentar o número de inscritos/seguidores e receber inúmeros “likes”).

O Seminário *Entre Docências e Pesquisas* obteve sucesso em seu sentido mais amplo devido a sua responsividade, abrangência e disseminação. As apresentações acabaram por alcançar um público bem maior que aquele que tinha de se deslocar a São Paulo para participar do seminário. Todas as atividades do Seminário foram gravadas e disponibilizadas pelo canal do YouTube, permitindo ao público ver, rever, ouvir e reouvir as falas das mesas. O mais interessante é que a gravação tornou possível à pessoa interessada assistir no seu ritmo, isto é, no seu tempo individual, acelerando, ralentando ou mesmo parando os vídeos para apreciar com calma as imagens de um determinado slide. As apresentações de pesquisas e os ricos relatos de experiências ficaram, assim, ao alcance de todas as pessoas, da pro-

fessora da rede, especialista em arte ou não ao/à estudante de graduação da licenciatura.

Gostaria de destacar outro aspecto. Os seminários têm algo de celestial. De fato, não se pode falar dos simpósios e seminários sem citar o nome daquela pessoa que está na base de sustentação destes eventos: Mirian Celeste. Assim, ao escrever o presente prefácio gostaria igualmente de render uma homenagem a esta professora competente, sensível e agregadora. Mirian Celeste é uma docente que tem o poder de agregar e misturar gente. Os Seminários não apresentam apenas teorias sobre a importância da diversidade na educação, sobretudo no tocante ao ensino de arte, eles propõem a educação do sensível, a educação do olhar, a educação pela e para a diversidade, por meio da ação. Nos simpósios e seminários do Mackenzie ocorre tudo junto e misturado. Temos a difusão de fazeres e de pensares; gente do Brasil e do exterior, sobretudo América Latina; pessoas de Norte a Sul do país; participantes da capital e do interior dos estados; docentes aposentados/as e em início de carreira; pesquisadores/as em pós-doc e aqueles/as se iniciando na Pesquisa; acadêmicos/as e artistas; artistas visuais, cênicos, circenses, performáticos e musicistas; pedagogas e professoras da rede; enfim, temos num mesmo espaço/tempo pessoas interessantes e expressando sua diversidade.

Para além da diversidade, destaco a qualidade das falas. Foram apresentações repletas de ideias, dicas e sugestões. No Seminário *Entre Docências e Pesquisas* pudemos ouvir depoimentos de professoras e professores que durante a pandemia tiveram de reinventar suas práticas educativas, transformando-se da noite para o dia em Youtubers e experts em multimídia. Ora, mas isso não é novidade para esse segmento. Professores e professoras de arte vivem criando e se reinventando. Faz parte de seu cotidiano transformar matéria em escultura, pensamento em poesia, sopro em música, movimento em dança. Transformar e adaptar são verbos presentes no dia a dia da prática educativa em arte. Assim, desenvolver a capacidade de adaptação é uma qualidade construída ao se trabalhar e ensinar arte, de onde

advém uma das justificativas referentes à importância do ensino de arte na formação humana. A pandemia escancarou para a humanidade a necessidade dos indivíduos de se adaptarem. Também evidenciou a relevância das coisas simples.

Sim, foi possível testemunhar ações simples, porém eficazes de professores e professoras de arte que não só não perderam vínculos com seus estudantes durante a pandemia, como ampliaram esses vínculos tão necessários quando o assunto é educação. Foi possível testemunhar familiares envolvidos com a solução de problemas de pesquisa e confeccionar caixas que foram posteriormente entregues, uma a uma, na casa das pessoas participantes do projeto para que tivessem um ateliê doméstico.

Enfim, no Seminário *Entre Docências e Pesquisas* pudemos encontrar inspiração! Concluo o presente prefácio com o desejo de que você encontre neste E-Book as potentes comunicações transformadas em textos. Que sejam ideias sementes, que sejam disseminadas nos quatro cantos do país, que germinem novos pensamentos e sobretudo, que provoquem ações.

# APRESENTAÇÃO

---

## Seminários afetivos e propositores

Mirian Celeste Martins

*As pessoas, feitas de milho, fazem o milho. As pessoas, criadas da carne e das cores do milho, cavam um berço para o milho e cobrem de boa terra e o limpam das ervas daninhas e o regam e dizem a ele palavras de amor. E quando o milho está crescido, as pessoas de milho moem sobre a pedra e o erguem e o aplaudem e o embalam no amor do fogo e o comem para que nas pessoas do milho o milho continue caminhando sobre a Terra, sem morrer.*

*Eduardo Galeano (1994)*

Como pessoas, que se fazem pela educação, e que amam e que trabalham para que ela não morra, também vivemos ciclos, como as pessoas feitas de milho do conto de Galeano. Como pessoas da/para educação, as pesquisas nos movem. As aplaudimos, as divulgamos e as embalamos no amor docente para que a educação continue caminhando e ganhando sustento, provocando mudanças.

Criadas na carne e nas cores das pesquisas, as pessoas que pesquisam educação se juntam em grupos para semear, germinar e colher pesquisas coletivas. Foi assim que nasceram os dois grupos de pesquisa: em 2009 o GPeMC – Mediação Cultural: provocações e contaminações estéticas (formado inicialmente pelo grupo iniciado em 2003 no Instituto de Arte/UNESP) e em 2012 o GPAP – Arte na Pedagogia; ambos são formados por professores e pesqui-

sadores de várias universidades, mestrandos e doutorandos. Mas foi do GPeMC que nasceu a ideia de criar Seminários.



Fig. 1. Seminário de verão/GPeMC. Lugar amoroso de compartilhamento. Foto-ensaio composto por cinco fotografias digitais. Fonte: acervo da autora.

Memórias guardadas nos levam a dois seminários. Um de verão (Fig.1) e outro de inverno. O grupo estava mergulhado na produção do livro – Pensar juntos [entre]laçando conceitos e experiências (2014;2018) e as trocas com as leituras de todos por todos geraram também uma maior intimidade conceitual. Os diálogos por estarmos juntos em Monte Alegre do Sul/SP durante dias e noites trouxe à tona muitas histórias, risadas, momentos de pura experiência estética frente ao pôr do sol, às ações expressivas, ao nos alimentarmos juntos com arte e com as deliciosas refeições.

Estas memórias voltaram a cena e planejamos um Seminário em fevereiro de 2020 também em Monte Alegre do Sul. O objetivo não seria a produção de nenhum livro, mas a oportunidade de conhecermos melhor nossas próprias pesquisas individuais, somando os dois grupos que agora se ampliavam com novos personagens. Mas, veio a

COVID 19. Toda a nossa energia foi dirigida para o V Simpósio Internacional Formação de Professores em Arte e Pedagogia que aconteceu em novembro de 2020. Um Simpósio on-line que nos obrigou a muitas aprendizagens, na continuidade do que também vivíamos em nossas aulas. E que gerou um belo livro (MARTINS et al, 2021).

Na reunião de 20 de julho de 2020 planejamos o que seria um seminário “uterino” para 2021. Um seminário entre nós, com o objetivo de apresentarmos nossas próprias pesquisas e inquietações. Na reunião de 8 de fevereiro de 2021 iniciamos de fato um planejamento anunciando muitas novidades (Fig. 2).



Fig. 2. Registro da reunião de 8 de fevereiro de 2021. Anunciando muitas novidades! Fonte: acervo da autora.

É o resultado deste planejamento que apresentamos nesta publicação. Um Seminário como projeto de extensão do Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História do Centro de Educação, Filosofia e Teologia (CEFT), da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

Um seminário que buscou possibilitar trocas entre os integrantes dos grupos de pesquisa e público interessado em geral, ampliando discussões sobre metodologias de pesquisa e temáticas que articulam formação de professores, arte e ensino de arte, mediação cultural e interdisciplinaridade. Também foram seus objetivos fortalecer a relação entre ensino, pesquisa, e extensão – tidos como indissociáveis – vinculando-se à sociedade e seus diferentes

setores; diluir as fronteiras entre o conhecimento acadêmico hegemônico com perspectivas que partem da troca de saberes com instituições da Educação Básica e Universidades, em destaque os cursos de Pedagogia, organizações e setores sociais; compartilhar pesquisas acadêmicas realizadas e práticas da docência em tempos de pandemia, possibilitando o intercâmbio de conhecimentos entre comunidade acadêmica e a sociedade; estimular atividades de Extensão cujo desenvolvimento implique relações interdisciplinares de setores da Universidade e da sociedade e possibilitar novos meios e processos de produção, inovação e disponibilização de conhecimentos, permitindo a ampliação do acesso ao saber e o desenvolvimento tecnológico e social do País.

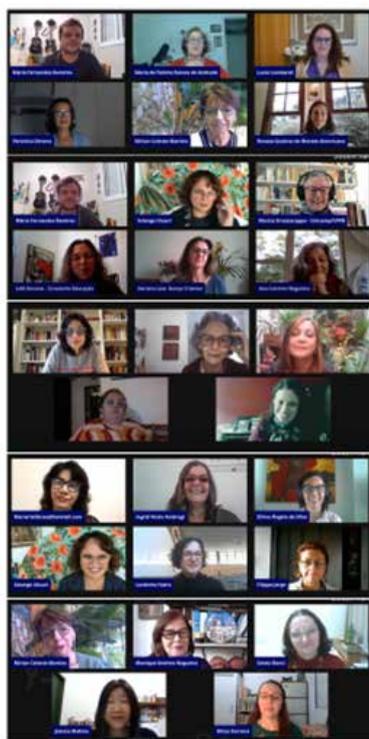


Fig. 3. Registro dos cinco períodos do Seminário. Fonte: vídeos do Seminário disponíveis em <https://www.youtube.com/c/simposioformacaoartee-pedagogia/null>. Acesso em 10 jul. 2021.

Foram 3 dias em cinco períodos e com mediadoras convidadas que nos deixaram muito honradas: Maria de Fátima Ramos de Andrade (UPM); Marcia Strazzacappa (UNICAMP); Lucimar Bello (UFU); Ingrid Hötte Ambrogi (UPM) e Monique Andries Nogueira (UFRJ).

O Caderno de Resumos planejado acabou se transformando nesta publicação. Os resumos ganharam o tom de um breve ensaio e foram incluídas também imagens-chave, já que parte do grupo trabalha com metodologias artísticas de pesquisa com seu modo estético criar imagens, também como sínteses visuais (VIADEL, ROLDÁN, 2017). Agradecemos a Marcia Strazzacappa por aceitar nosso convite para o prefácio e a todos que participaram dos encontros on-line.

Recorro a Larrosa (2018, p. 13) quando reflete sobre “aquela espécie de espera desesperada de que alguma coisa que não se sabe aconteça, aquela ideia de que o professor não busca resultados, mas provoca efeitos, os quais são sempre imprevisíveis e inesperados”. Assim, o projeto do Seminário se iniciou e produziu efeitos que nos mobilizaram e podem mobilizar outros... Assim também, em setembro teremos um segundo seminário. E de novo a espera desesperada para que algo que não se sabe aconteça! Afinal, assim como as pessoas do milho, embalamos pesquisas e docências para alimentar o futuro!

## Referências

GALEANO, Eduardo. *As palavras andantes*. Porto Alegre: LP&M, 1994.

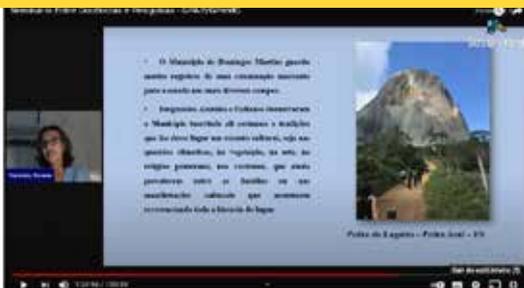
LARROSA, Jorge. *Esperando não se sabe o quê: Sobre o ofício do professor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

VIADEL, R. M.; ROLDÁN, J. *Ideas Visuales. Investigación Basada en Arte e Investigación Artística*. Ed. Universidade de Granada, 2017.

# Arte na formação de professores I

As falas [da Mesa] foram extremamente relevantes para a formação inicial no curso de Pedagogia, formação continuada e desenvolvimento profissional dos professores.

Profa. Dra. Maria de Fátima Ramos de Andrade (UPM)  
Mediadora



Registro das apresentações de Lucia Maria S. S. Lombardi, Veronica Deves Costa, Mário Fernandes Ramires e Renata Q. M. Americano, em 12/ maio/2021.

## Educação do e no corpo de professores/as de crianças

Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi  
(UFSCar-GPAP)

Quais conhecimentos sobre corpo e movimento devem ser priorizados no curso de Pedagogia, pensando na formação de professores/as que atuam com crianças? A fim de descobrir respostas para essa pergunta, vem sendo estabelecido um processo pedagógico de escuta dos temas sobre corpo considerados relevantes pela juventude que está em fase de formação inicial na Licenciatura em Pedagogia, no âmbito da disciplina “Educação, Corpo e Movimento”, da Universidade Federal de São Carlos, desde 2012. O objetivo é propiciar um processo de formação docente que se repense com constância a partir das vozes de seus estudantes, aprendendo com suas perspectivas e necessidades, acolhendo suas vivências, subjetividades e diferentes culturas. Essa ação se dá com base no princípio de tê-las/los como principais sujeitos da prática educativa, bem como pelo desejo de descobrir modos interativos e dialógicos de recriação e expansão do currículo.

Estar em escuta, atenta para o que surge como interesse visando à produção de conhecimento no campo do corpo na Educação, tem trazido à tona demandas relacionadas principalmente aos seguintes temas: do jogo/brincar (congregando diversas questões relacionadas a este conceito, como o dos ambientes e espaços, das relações adulto-criança e criança-criança, das materialidades, das metodologias); do disciplinamento do corpo na escola e as questões dele recorrentes; da necessidade de expressão por meio de múltiplas linguagens, fazendo/produzindo ações culturais e artísticas; dos preconceitos (racismo, gordofobia; homofobia). O tema trazido a esta comunicação vem sendo investigado desde Lombardi (2005, 2011, 2014) e foi melhor problematizado em Lombardi (2020).

Indagar as/os estudantes da graduação sobre suas vivências em relação a corpo e movimento ao longo de suas vidas significa reconhecer que seus corpos são coetâneos aos problemas sociais contemporâneos e trazem em si certas demandas que ainda não fazem parte do currículo – cujos conteúdos por vezes se mantêm obsoletos – mas precisam fazer.

**Palavras-chave:** Corpo; Formação de professores; Pedagogia; Infância; Diversidade.

### Referências

LOMBARDI, Lucia M. S. S. Temas emergentes em estudos do e no corpo no curso de Pedagogia. *Revista Contrapontos - Dossiê Artes do Corpo e Educação*, v. 20, n. 2, 2020, p. 289-311. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/16249>. Acesso em: 10 mar. 2021.

LOMBARDI, Lucia M. S. S. Formação corporal de pedagogos e Pedagogia do Teatro... meu caminho sou eu quem faço. In: TODARO, Monica de Ávila; FABRIN, Filomena; NÓBREGA, Maria Luiza Sardinha de. (orgs.). *Corpo e educação: desafios e possibilidades*. São Paulo: Paco Editorial, 2014, v. 1, p. 44-63.

LOMBARDI, Lucia M. S. S. *Formação corporal de professoras de bebês: contribuições da Pedagogia do Teatro*. 2011. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-21072011-103922/es.php>>. Acesso em: 21 set. 2020.

LOMBARDI, Lucia M. S. S. *Jogo, brincadeira e prática reflexiva na formação de professores*. 2005. Dissertação. (Mestrado em educação). Faculdade de Educação - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-18082010-153930/pt-br.php>>. Acesso em: 14 mar. 2021.

## Reflexões sobre o uso de imagens em cursos de Pedagogia

Mário Fernandes Ramires  
(Faculdade Flamingo-UPM-GPAP)

Quando pensamos na formação de docentes polivalentes que irão atuar na Educação Básica, temos que ter em mente as diversas linguagens com as quais se relacionam em sua formação e como essas manifestações imagéticas dialogam com suas trajetórias de vida e culturas formadoras de seus valores. Na minha prática docente em cursos de Pedagogia, percebi uma presença muito grande de imagens infantilizadas (corujas, por exemplo), feitas sempre com os mesmos materiais (principalmente o EVA), tanto nas apresentações das/dos estudantes, quanto em seus materiais, brindes e camisetas confeccionadas para eventos especiais. Ao orientar e avaliar Trabalhos de Conclusão de Curso percebi que muitas vezes, além da infantilização, há o uso de imagens de forma desconexa em relação ao tema e ao texto escrito e essa problematização me levou à Tese de Doutorado que desenvolvo atualmente.

Na apresentação que trago ao *Seminário Entre Docências e Pesquisas*, proponho reflexões acerca da presença de imagens em cursos de Pedagogia, a partir de vivências que possuo enquanto docente e de estudos realizados até o momento, mas sem nenhum caráter conclusivo, pois ainda não houve o aprofundamento sobre os TCCs que tenho como principal objeto de estudo em minha pesquisa, oriundos de quatro instituições de ensino superior. Com isso, para a apresentação aqui proposta, sugiro algumas questões: qual bagagem as/os estudantes trazem acerca da leitura e produção de imagens ao ingressarem no curso de Pedagogia? Como as/os estudantes se relacionam com as imagens em seu cotidiano? Como a linguagem visual é abordada nos cursos de Pedagogia? O fenômeno do uso de imagens infantilizadas ocorre da mesma forma em todas as instituições de ensino?

**Palavras-chave:** Formação docente; Linguagem visual; Pedagogia; Imagens.

**Imagens-chave:**



### Referências

MIRANDA, Fernando. Imagens da arte, da ciência e da tecnologia: pesquisar a partir da cultura visual. In: Raimundo Martins e Irene Tourinho (orgs.). *Processos & Práticas de Pesquisa em Cultura Visual e Educação*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

PIMENTA, Selma Garrido et.al (orgs.). *Cursos de Pedagogia. Inovações na formação de professores polivalentes*. São Paulo: Cortez, 2019.

## Experiências na formação de professores ribeirinhos

Renata Queiroz de Moraes Americano  
(UPM-GPAP)

A pandemia veio nos desconstruir nas nossas certezas e nos nossos modos de agir. Trouxe um desafio importante para que fossem pensadas novas possibilidades de formação com os educadores da Escola Jatobazinho, mantida pelo Acaia Pantanal, situada no Pantanal do Mato Grosso do Sul. Por morarmos em estados distintos e pela impossibilidade de estar presencialmente com eles foi necessário pensar em espaços de experiências virtuais. Experiências que fazem parte da pesquisa: *O ateliê como espaço de construção de conhecimento: um contexto de formação com professores das Escolas das Águas no Pantanal Sul-Mato-Grossense*, iniciada no Mestrado (AMERICANO, 2019) que continua em processo no Doutorado.

O espaço da pesquisa promoveu encontros entre vários sujeitos e dele nasceu uma parceria de trabalho entre uma assessora e um professor na composição de um artigo que teve como base a análise do que foi encontrado em depoimentos de outros participantes.

A pesquisa tem como foco a formação de professores e está sustentada em algumas questões: Como as linguagens artísticas podem contribuir para a construção de um olhar sensível, pensante e interdisciplinar do professor? Ao promover uma experiência de formação como colaboramos para que o professor torne mais consciente seu próprio processo de aprendizagem? Cria relações entre os processos vividos por ele e com e pelas crianças?

Por se tratar de uma pesquisa-ensino ela está sendo elaborada ao longo do processo num movimento rizomático na construção de uma investigação cartográfica.

**Palavras-chave:** Formação; Experiência; Pesquisa-ensino.

**Imagens-chave:**



### Referências

AMERICANO, Renata Queiroz de Moraes. *Movimentos de desconstrução: a formação de professores e professoras / coordenadores e coordenadoras da educação básica*. 2019. 105 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019.

PENTEADO, Heloísa Dupas; GARRIDO, Elsa. *Pesquisa-ensino: A comunicação escolar na formação do professor*. São Paulo: Paulinas, 2010.

## O diálogo do possível: arte, cultura e pedagogia

Veronica Devens Costa  
(PMV-SEME)

Nesse breve ensaio apresento uma prática desenvolvida com estudantes de graduação do curso de Pedagogia de uma faculdade da rede privada do Município de Serra/ES. Essa prática vem de encontro ao exercício do Art. 26, §2º da LDB 9394/96 quando diz que: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (BRASIL, 1996). Tal prática, que se configurou em uma viagem de estudos, foi realizada com a turma do curso de Pedagogia, à região sul do Espírito Santo. Foi proposto aos/às estudantes conhecer espaços onde pudéssemos apresentar a Arte e sua trajetória na história dos povos, vivenciar a cultura local, visitar e conhecer museus e espaços formativos do município de Domingos Martins/ES. O Município apresenta grande diversidade cultural, um expressivo agroturismo e o patrimônio histórico remonta os costumes dos povos italianos, luteranos e alemães. Nos museus apreciamos imagens, objetos e contemplamos a preservação de ambientes naturais.

Oportunizamos às alunas e alunos um novo olhar sobre o ensino da arte, preservando as memórias culturais e as relações existentes entre o homem e a arte. [...] Com essa prática, intensificamos o esforço da disciplina Arte na Educação em proporcionar aos alunos do curso de Pedagogia um olhar sensível às práticas que envolvem o processo educativo, reflexivo e expressivo do aprendiz. Durante todo o dia de visita e nas discussões finais, tivemos a oportunidade de refletir “que professor eu quero ser”, “que aluno eu quero formar”, “qual será minha postura diante uma sala de aula”; e percebemos que podemos articular processos educativos, culturais, estéticos e artísticos. Processos esses que vivenciamos cotidianamente no ensino da Arte. (DEVENS, 2015, p.

603). Para fundamentar essa prática, dialogamos com autores que discutem o ensino da arte e a pedagogia, dentre eles destacamos Barbosa (1991), Iavelberg (2003), Cirillo (2018), Martins (2010) que abordam a importância da cultura na formação do professor além de outros estudiosos e pesquisadores que defendem as várias possibilidades metodológicas para um significativo saber da arte no curso de Pedagogia.

**Palavras-chave:** Formação do professor; Ensino de arte; Cultura; Pedagogia.

**Imagens-chave:**



### Referências

BRASIL. *Lei nº 9.394*, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)>. Acesso em: 14 jul. 2021.

BARBOSA, Ana Mae. *Imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

CIRILLO, José. *Interações culturais* [recurso eletrônico]: Universidade Federal do Espírito Santo, Secretaria de Ensino a Distância, 2018.

DEVENS, Verônica C. Interfaces da Arte – uma prática no curso de Pedagogia. In: BENETTI, Gustavo (Org.). *Anais do XXVI ConFAEB – Congresso da Federação de Arte/Educadores do Brasil*. Boa Vista: UFRR, 2016. Disponível em: <http://>

faeb.com.br/admin/shared/midias/1505668027.pdf. 2015.  
Acesso em: 14 jul. 2021.

DEVENS, Veronica. C; PASTE, Rosana Lucia. Artes Visuais na Pedagogia: Práticas Possíveis na Formação do Professor. In: BUJÁN, Federico et al. (Orgs.). *Investigación y Formación Docente en Artes Miradas desde América Latina*. Valparaíso; Florianópolis: UDESC; Universidad de Playa Ancha; Selo Editorial Puntágeles, 2018.

IABELBERG, Rosa. *Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. TELLES, M. Terezinha. *Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo*. São Paulo: FTD, 2010. (Coleção Teoria e Prática)

OLIVEIRA, Myriam Fernandes Pestana. O encontro necessário: curso de pedagogia e patrimônio artístico cultural. In: BUJÁN, Federico et al. (Orgs.). *Investigación y Formación Docente en Artes Miradas desde América Latina*. Valparaíso; Florianópolis: UDESC; Universidad de Playa Ancha; Selo Editorial Puntágeles, 2018.

# Arte na formação de professores II

É sempre bom lembrar que um copo vazio está cheio de ar.  
(Gilberto Gil)

Em arte, forma e conteúdo são indissociáveis.

Profa. Dra. Monique Andries Nogueira (UFRJ)  
Mediadora



Registro das apresentações de Estela Bonci, Jéssica Mami Makino, Mirza Ferreira e Mirian Celeste Martins, em 14/maio/2021.

## **Constelações potenciais no universo da formação cultural e artística dos estudantes de pedagogia**

Estela Maria Oliveira Bonci  
(FAM-GPAP-GPeMC)

Revisitar as constelações desveladas na pesquisa de doutorado realizada (BONCI, 2018) sobre as referências culturais e artísticas que os estudantes trazem ao ingressarem na Pedagogia, a formação cultural e artística que apreendem durante o curso e o que levam dessa formação ao saírem da graduação. Uma carta celeste foi traçada com o objetivo de desvelar e mapear as potenciais marcas presentes neste universo da formação cultural e artística dos estudantes de Pedagogia da Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP), a partir das disciplinas que focalizam a arte e cultura no currículo da graduação, e a contribuição dessas marcas como alicerces para o exercício da docência enquanto prática sensível, criativa e a interdisciplinar.

Desenvolver e oportunizar a formação cultural e estética do professor de Educação Básica deve fazer parte tanto da sua formação inicial, como da sua formação continuada e a formação cultural e artística merece, pela sua importância, ser reconhecida e trabalhada nos currículos dos cursos de Pedagogia. Possibilitar ao estudante de Pedagogia, vivenciar experiências artísticas e culturais, permitindo-lhe fruir, experimentar, contextualizar e refletir sobre o processo de formação cultural e artística é uma questão que nos inquieta, incomoda e desafia. Nessa proposta, é importante lembrarmos o significativo ensinamento de Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 21), onde “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”.

O mapeamento deste universo é ampliado com a descoberta de novas constelações, a partir das experiências vivenciadas como docente no Centro Universitário – FAM (SP) junto a estudantes de Pedagogia nos últimos três

anos, até o momento atual em meio à pandemia mundial de COVID-19. Vivências no exercício de uma docência sensível e criativa, mediado pela arte e pela consciência e intencionalidade de uma prática pedagógica portadora e criadora de cultura, plural e transformadora. O fazer docente se articula para construir novas narrativas entre os campos do conhecimento e práticas pedagógicas, considerando a complexidade e incompletude do conhecimento como características marcantes evidenciadas na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Formação cultural e artística; Estudantes de Pedagogia; Arte; Educação.

**Imagens-chave:**



**Referências**

BONCI, Estela Maria Oliveira. *Formação cultural e artística de estudantes de pedagogia: constelações potenciais*. 2018. 196 f. Tese (Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478.

## **Escuta e acolhimento na docência: partilhas em arte na formação continuada**

Jéssica Mami Makino  
(USP-GPAP)

Neste seminário apresento os resultados parciais da pesquisa em andamento “A construção do conhecimento em grupo de apoio mútuo”, uma parceria entre universidade pública e escolas da Rede Municipal de Ensino de Ribeirão Preto-SP. O objetivo da pesquisa é verificar as contribuições do trabalho em grupo de apoio mútuo para a formação continuada do docente, seja recém-formado ou experiente. Além dessas informações, investiga-se as relações entre os docentes e os discentes, entre as diferentes esferas do saber e do tempo de experiência de cada participante. Nesse sentido, as palavras “entre” e “nada” são relevantes para o estudo e são investigadas nessas relações em continuidade à pesquisa realizada no doutorado (MAKINO, 2013).

Participam da pesquisa pedagogos que ministram suas aulas na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e especialistas da área de Arte, Música e Movimento. Os dados são coletados em reuniões quinzenais onde se escuta e se discute os projetos desenvolvidos nas escolas por seus membros, estuda-se textos para o auxílio do planejamento e da reflexão da prática e realiza-se oficinas. Nesses encontros, amparado por seus pares, o docente é acolhido em espaço de formação continuada, procurando qualidade no planejamento, no registro e na avaliação de suas ações, já que conta com a escuta cuidadosa, a experiência e a contribuição do outro. Ao mesmo tempo, desenvolve-se benefício emocional, já que nesse lugar partilham-se as experiências bem e malsucedidas, o acolhimento nas dúvidas e angústias surgidas na vivência do magistério.

Nessa condição de amparo, o grupo de apoio mútuo é um espaço de valorização do conhecimento cons-

truído no *chão da escola*, bem como um lugar de fomento à publicação desse saber. Nesse sentido, o professor encontra espaço de incentivo para firmar a sua posição docente, dentro da perspectiva apregoada por António Nóvoa (2017). O método utilizado é o da pesquisa-ação nos moldes de Michel Thiollent (2005), escolhido pelo seu carácter educacional, por considerar os sujeitos da pesquisa participantes ativos na tomada das pequenas e das grandes decisões, ou seja, da escolha dos temas discutidos nas reuniões até os rumos da investigação.

**Palavras-chave:** Escuta; Formação continuada; Posição docente; Arte-educação; Chão da escola.

**Imagens-chave:**



### Referências

CRITELLI, Dulce Mara. Para recuperar a educação. In: HEIDEGGER, Martin. *Todos nós...ninguém: um enfoque fenomenológico do social*. São Paulo: Moraes, 1981.

MAKINO, Jéssica Mami. *Sobre a formação do professor de música: o tempo fugidio entre a aurora, o crepúsculo e o silêncio*. 194 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Artes, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/104022>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

NÓVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. *Cadernos de Pesquisa* [online]. 2017,

v. 47, n. 166, pp. 1106-1133. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/198053144843>>. ISSN 1980-5314. Acesso em: 07 mai. 2021.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

## inCORPORando a formação de educadores

Mirza Ferreira  
(Unicamp-GPAP)

A noção de corpo é uma construção histórica e, por isso mesmo, provisória, mutável e mutante, suscetível às mais variadas intervenções. O corpo pode ser acessado a partir de inúmeras abordagens: fisiológica, biológica, anatômica, antropológica, etnológica, estética... Partindo desse pressuposto torna-se necessário, antes de mais nada, definir a partir de qual abordagem a discussão que apresento será estabelecida. Como artista da dança a definição de corpo que mais me agrada é a cunhada pela educação somática. Esta considera o corpo como um sistema que engloba além dos aspectos anatômicos e fisiológicos, também os aspectos psíquicos, emocionais, intelectuais, afetivos, criativos, imaginários, dentre outros (FERREIRA, 2017). É a partir dessa perspectiva de um corpo compreendido em toda a sua complexidade que pretendo desenvolver minhas reflexões sobre o corpo na formação de educadores.

Muito se fala sobre a importância de olharmos para os corpos que habitam a escola, mas muito pouco sobre a importância de olharmos para os corpos dos educadores e educadoras em formação. São muitos os autores e autoras que alertam sobre o quanto os corpos das crianças são esquecidos pelos currículos escolares, mas o que podemos dizer sobre os currículos das licenciaturas? O corpo está presente?

A partir destes primeiros questionamentos, trago mais algumas questões para refletirmos: quantas vezes em seus processos de formação, educadores e educadoras foram convidados a pensarem em seus próprios corpos? A estarem atentos sobre suas percepções e sensações corporais? Como nós, professores e professoras dos educadores e educadoras em formação, estamos recebendo seus corpos em nossas salas de aula? Trabalhamos para formar corpos

potentes, criativos, expressivos, livres? Ou corpos aprisionados, silenciados, podados, inertes? (MARQUES, 2003) Qual a nossa responsabilidade quanto à educação desses corpos?

Buscando refletir sobre essas questões, apresento aqui um pouco de minha experiência docente vivida em disciplinas de arte em dois cursos de Pedagogia (UEMG e UNICAMP). Assim como a professora Márcia Strazzacappa (2012) narra em seu texto “Invertendo o jogo: a arte como eixo na formação de professores”, resolvi encarar um desafio: falar de arte através da arte.

Assim, pude desenvolver nessas duas instituições (na UEMG como professora responsável pela disciplina de Ensino de Arte e, na UNICAMP, como Bolsista do Programa de Estágio Docente), práticas que colocavam o corpo e a arte no centro do processo de formação dos futuros educadores e educadoras. Em nossos encontros partíamos sempre de experiências práticas - de educação somática, coreologia (LABAN, 1978), danças circulares, dentre outras – para depois chegarmos às discussões teóricas.

As profundas reflexões geradas pelo processo de olhar para si e para o seu corpo como parte integrante de sua formação, trouxeram aos estudantes a possibilidade de se enxergarem como atores e atrizes principais de seus processos de formação. De outra forma, as experiências vividas nas rodas de danças circulares possibilitaram que os estudantes vivenciassem o sentido de coletividade, de integração grupal, de conexão com seus pares.

Acredito que as experiências aqui apresentadas contribuem para nossas reflexões acerca da importância fundamental do corpo e da arte na formação de educadores e educadoras.

**Palavras-chave:** Corpo; Arte; Formação de professores.

### Referências

FERREIRA, Mirza. *Diálogos (im)possíveis entre a dança e o teatro: um olhar sobre a formação do artista cênico no*

CEFAR. 2017. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/322332>>.

LABAN, Rudolf. *Domínio do movimento*. São Paulo: Summus, 1978.

MARQUES, Isabel A. *Dançando na escola*. São Paulo: Cortez, 2003.

STRAZZACAPPA HERNANDEZ, Márcia Maria. Invertendo o jogo: a arte como eixo na formação de professores. In: 35ª *Reunião Anual da ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação*. Rio de Janeiro: ANPED, 2012. v. 11. p. 1-12.

## Ensinar arte = encontros porosos à vida?

Mirian Celeste Martins (UPM-InSEA)

Ações poéticas, metodologias, observação de crianças em ação, portfólios, visitas a museus, ambiências culturais, a linguagem fotográfica nas palavras-valise ou nas explorações mirando o que está próximo ou nem tanto, arte, repertórios ampliados, ... a cartografia poderia crescer muito na prática que se mescla à teoria no viver experiências estéticas e significativas. Não há fórmulas que se repetem, mas como ritornelos se transformam na busca incessante do que Deleuze e Guatarri (1992) me provocam a pensar: afetos, perceptos e conceitos. Assim, a docência é pesquisa em ação, atenta ao contexto de cada turma e transformadas por elas. Tocada também pelos estudos, pelas parcerias e diálogos com colegas, com estudantes da pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura e do Curso de Pedagogia, com os grupos de pesquisa e pelos desafios de escritura de meus pensares.

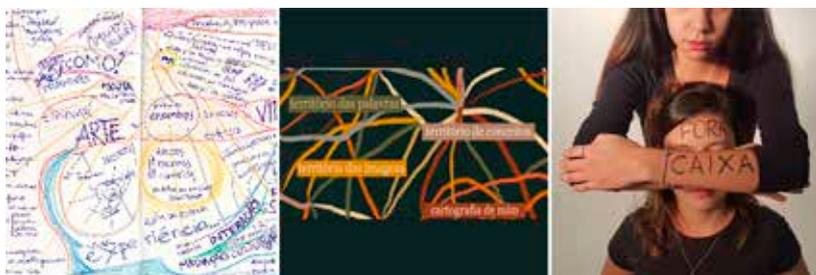
Em constante estado de pesquisa, os artigos têm sido seus frutos por entre miradas caleidoscópicas (2015), por entre giros na busca de horizontes estésicos (2019), na busca de antidotos para “alergias pedagógicas” (2019a), provocando encontros com a arte (2019b), entre tantos outros textos. Em 2020 ao invés de escrever um livro criei um site - [www.mirianceleste.com.br](http://www.mirianceleste.com.br), rizoma de mim, ideias colocadas em palavras e imagens uma pesquisa por dentro e que espero ver crescer porque o pensamento da arte e de seu ensino é menos do que o pensamento estético pois se conecta com “ a ideia da partilha do sensível”, como nos ensina Racière (2009: 68).

A pergunta do título é provocadora desta partilha. Mais do que conteúdos e atividades, são a afetividade, as percepções mais sensíveis e os conceitos que fundamentam as práticas tornados visíveis, que esperam transformar a disciplina de um currículo em *uma* experiência de

vida, em itálico como preconiza Dewey (2010), em corpos porosos à experiência de modo inventivo, crítico e propositivo. Como o “Fora da caixa” que escrevem Thayanna e Mariana ao sintetizar no corpo o que aprenderam. E continuo a pesquisar me questionando sobre o “como”, porque “o quê ensinar creio que já sabemos. Você concorda?”

**Palavras-chave:** Ensino de arte; Mediação cultural; Experiência; Pesquisa em ação; Arte.

**Imagens-chave:**



### Referências

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DEWEY, J. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MARTINS, M. C. No espelho de muitas faces: miradas caleidoscópicas sobre arte e vida, currículo e formação. *Revista Digital do LAV - UFSM*, vol. 8, núm. 2, maio-agosto, 2015, pp. 62-79.

MARTINS, M. C. Por entre giros, na busca de horizontes estéticos. In: *Anais do 29º Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil 7º Congresso Internacional de Arte/Educadores*. Manaus: ConFAEB, 2019, p. 112-122.

MARTINS, M. C. Antídotos para “alergias pedagógicas”: a ação e o conceito muito além da atividade e do conteúdo,

In: *Anais do 28º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019a, p. 2388-2404.

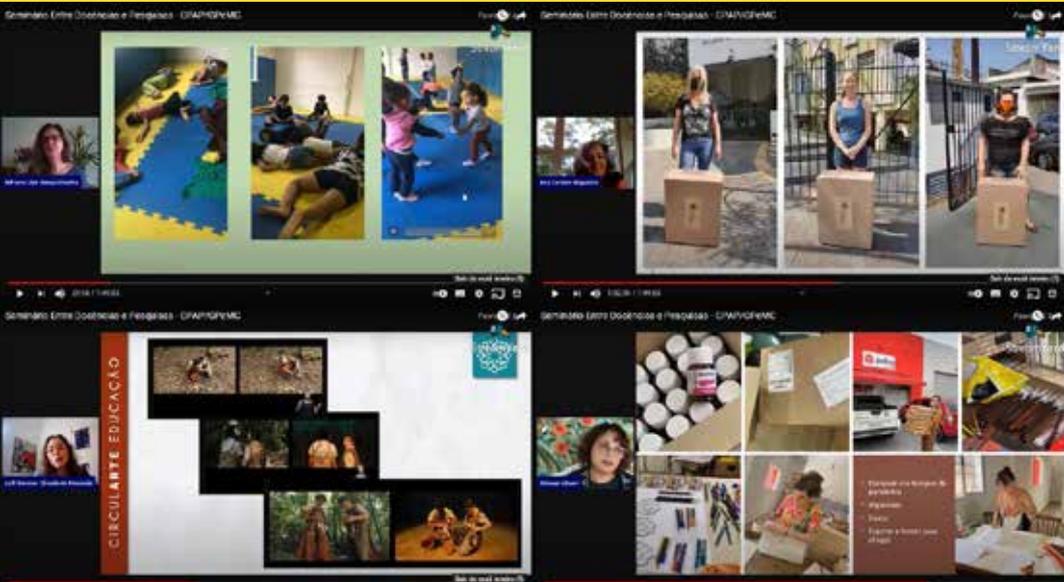
MARTINS, M. C. Provocando encuentros con el arte por las fisuras de la nutrición estética y mediación cultural. In: *Revista (pensamiento), (palabra)... Y Obra*. Bogotá/Colombia, Universidad Pedagógica Nacional, 2019b, p. 58-73.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2009.

# Linguagens da Arte I

É importante perceber o quão felizes nós somos por sermos artistas.

Profa. Dra. Márcia Strazzacappa (UNICAMP-UFPB)  
Mediadora



Registro das apresentações de Adriana V. M. Liza, Lele Ancona, Ana Carmen Nogueira e Solange Utuari, em 13/maio/2021.

## Dança com crianças em espaços virtuais

Adriana Vilchez Magrini Liza  
(Dança Criativa-GPeMC)

A justificativa desta apresentação, parte do princípio de suprir e alimentar supostas necessidades dos educadores relacionadas às práticas através de experiências corporais, principalmente da dança com as crianças (corpo, gesto e movimento). Com o objetivo de compartilhar o projeto da *Dança Criativa*, como relato de experiência através de imagens, vídeos e buscar discutir possibilidades de trocas com os educadores da apresentação ao experimentar a metodologia no formato virtual. As aulas do projeto de *Dança Criativa* são realizadas com meninos e meninas da Educação Infantil e Ensino Fundamental I de escolas particulares e uma ONG da cidade de São Paulo. No início, antes da pandemia, as aulas eram presenciais e pelo motivo do distanciamento, passaram a ser virtuais no formato de aulas síncronas e assíncronas. A *Dança Criativa* é um processo de fatores que não apenas se cruzam por causas e consequências e simplesmente passam como experimentos, mas que se misturam e se incorporam pelas relações entre as experiências tomadas por um domínio da consciência. A metodologia que será apresentada foi (re)pensada e replanejada para adaptar-se no formato (agora) virtual, sem perder a referência dos estudos do Sistema do Movimento de Rudolf Laban. Seria possível a dança com crianças no espaço virtual?

A metodologia propõe um despertar da consciência corporal, a partir dos seguintes elementos básicos; espaço, descalçar-se, roda da conversa, aquecimento e objetos propositores. O projeto da *Dança Criativa* foi elaborado e sistematizado durante minha pesquisa de Mestrado na Universidade Presbiteriana Mackenzie, realizada em 2019 com o tema: *Traços, trajetões e processos da Dança Criativa*. A pesquisa ainda continua ativa em algumas instituições que colaboraram com esse processo de investigação de dança

com crianças na educação. O projeto teve oportunidade de estender-se no formato presencial para as crianças do berçário, com uma nova proposta: Dançando com Bebês a partir de um olhar Labaniano.

**Palavra-chave:** Dança com crianças, Arte do movimento, Espaço virtual.

### Imagens-chave:



### Referências

BARTENIEFF, Irmgard. *Body Movement: Coping with the environment*. New York: Routledge, 2002.

COHEN, Bonnie Bainbridge. *Sentir, Perceber e Agir: educação somática pelo método Body Mind Centering*. Tradução de Denise Maria Bolanho. São Paulo: Sesc edições, 2015.

FALK, Judit. *Abordagem Pikler-Educação Infantil*, 2ª edição. São Paulo: Editora Omnisciência, 2010.

FERNANDES, Ciane. *Pausa, Presença, Público: da Dança teatro à Performance – Oficina*. Revista Brasileira de Estudos da Presença. Universidade Federal da Bahia – UFBA, porto alegre, 2011.

FERNANDES, Ciane. *O Corpo em Movimento: O Sistema Laban/Bartenieff na formação e pesquisa em artes cênicas*. São Paulo: Annablume, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GILBERT, Anne Grenn. *Creative Dance for all ages – Second edition*. United States of América: Shape America, 2015.

MARQUES, Isabel Azevedo. *Linguagem da Dança/Arte e ensino*. São Paulo: Digitexto, 2010.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. Arte, só na aula de arte? *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 311-316, set./dez. 2011.

### Sites de referência

<https://www.creativedance.org/resources/>

<https://www.segnimossi.net/en/>

## Ensino de arte na virtualidade: como alcançar pontos distantes?

Lelê Ancona  
(CIRCULARTE-GPAP)

A pandemia chegou como um soco, nos empurrou para dentro de nossas casas e como consequência, para dentro dos espaços virtuais. Somos seres de encontros, necessitamos estar juntos e se este estar juntos não pode mais ser com o toque, com os abraços e com os cheiros, que seja pelo olhar e pela voz, mesmo que nos tornemos bidimensionais e distorcidos.

O que é ensinar arte, especialmente a arte do corpo com os corpos distantes?

Após a superação da frustração pela ausência do encontro, a exploração da câmera e da edição passa a ser um caminho a percorrer. Como sentir-se próximo neste formato? Como olhar nos olhos quando tenho um descompasso entre os olhos que vejo e os que posso mostrar pela câmera?

A emoção vivida pelo cinema é uma ponte de salvação que permite o sentimento de proximidade e de reconhecimento. Neste caminho e na exploração dos recursos que a tela oferece é possível encontrar o outro e reconhecer a construção conjunta. Em meu relatório de pós-doutorado aponto uma pista importante de um aspecto a ser preservado em qualquer formato de ensino-aprendizagem que é a importância de encontrarmos caminhos para a alegria e o jogo é um deles. Ressalto no trabalho que a descoberta das possibilidades de diálogo que o contato corporal traz perpassa todos os momentos da formação. A dificuldade de entrar em contato com o próprio corpo, assim como com os outros corpos, também é sentida; porém, aos poucos, a alegria do jogo, do movimento e do conhecer-se de outra maneira permitiu que o estranhamento abrisse espaço à descoberta, a uma nova forma de relacionar-se. (FARIA, 2014).

De maneira surpreendente, o encontro com o outro se estabelece no diálogo com o distante. Neste país de proporções sempre maiores do que podemos viver, alcançarmos cantos desconhecidos é uma alegria permanente. As redes que nos fisgam e oferecem limites com os quais precisamos ter cuidado, também oferecem novas conversas e a possibilidade de chegarmos a pessoas que o corpo em deslocamento real não chegaria. Ter clareza sobre o gesto, sobre o que se deseja expressar é certamente uma busca dos atores, a busca por saber de onde parte. O que se quer mostrar é um caminho para se conhecer, para saber mais sobre as possibilidades da linguagem teatral. Mas, independentemente de estarmos trabalhando com atores ou não, ter consciência de si é um caminho para a conexão com a capacidade criativa. (FARIA, 2017).

O encontro com o outro quando falamos de formação docente por meio da linguagem teatral, ou quando pensamos no ensino de teatro para qualquer faixa etária, passa necessariamente pela consciência de si, pelo encontro consigo mesmo. Qual o recorte adequado para esta conversa, sem olhos nos olhos, sem cheiro e sem o quadrado da tela? Uma conversa que se dá somente pelos comentários, pelos chats, pelas imagens nos posts. Um resumo de dúvidas que oferece pequenos pontos de luz e que talvez sejam pontos por onde passam agulhas e linhas na construção de uma nova trama.

**Palavras-chave:** Ensino de arte; Teatro; Virtualidade; Ensino híbrido.

### Imagens-chave:



### Referências

FARIA, Alessandra Ancona de; MARTINS, Mirian Celeste; LOMBARDI, Lucia M. S. S. *Formação de educadores: contaminações interdisciplinares com arte na pedagogia e na mediação cultural*. São Paulo: Terracota, 2019. Disponível em: [https://www.mackenzie.br/fileadmin/ARQUIVOS/Public/1-mackenzie/universidade/unidades-academicas/CEFT/2018/E-books/LIVRO\\_Form.\\_Educ.\\_-Contam\\_interdiscip\\_com\\_arte\\_na\\_ped\\_e\\_na\\_med\\_cult.pdf](https://www.mackenzie.br/fileadmin/ARQUIVOS/Public/1-mackenzie/universidade/unidades-academicas/CEFT/2018/E-books/LIVRO_Form._Educ._-Contam_interdiscip_com_arte_na_ped_e_na_med_cult.pdf)

FARIA, Alessandra Ancona de. Ocupar este espaço. In: LOMBARDI, Lucia M. S. S.; NARDIM, Thaise Luciane (Orgs.). *Teatro: criação e construção de conhecimento*, v. 5 n. 2, 2017, p. 05-21. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/teatro3c/article/view/6875>

FARIA, Alessandra Ancona de; ALBANO, Ana Angélica Medeiros. Figurino docente. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, v. 61, p. 82-102, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/100782/99478>

FARIA, Alessandra Ancona de. *Imagens da docência: Histórias de vida e a improvisação*. Relatório de pós-doutorado apresentado à Faculdade de Educação da UNICAMP, 2014. Disponível em: [http://teatronasaladeaula.com.br/wp-content/uploads/2017/06/relatorio\\_Alessandra-Ancona-de-Faria-1.pdf](http://teatronasaladeaula.com.br/wp-content/uploads/2017/06/relatorio_Alessandra-Ancona-de-Faria-1.pdf)

FARIA, Alessandra Ancona de. *Contar histórias com o jogo teatral*. 1. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011. v. 3000. 147p.

**Site de referência**

<https://www.circularte.com.br/>

## Encáustica e o Ateliê Efêmero

Ana Carmen Nogueira  
(UPM-Ana Carmen Ateliê-GPeMC)

Essa apresentação é um recorte da pesquisa de doutorado *Encáustica: materialidade e transformação* em fase de desenvolvimento. Minha dissertação de mestrado *Lygia Clark - Uma experiência de arte na vida de jovens cegos* (2010) sob a orientação da Profa. Dra. Elcie Masini foi feita dentro do ateliê de artes para deficientes visuais do Projeto Acesso. Com essa pesquisa aprendi a perceber o habitar o mundo por meio das relações com o outro, criando oportunidades de refletir e de sair de nós para nos reconhecemos. Essa abertura de possibilidades nos levou à descoberta da pintura encáustica como uma técnica acessível a todos os sentidos. Foi a partir daí que iniciamos uma pesquisa profunda sobre a encáustica e o desenvolvimento do [Ana Carmen Ateliê de Arte](#) focados nas descobertas sensoriais dessa técnica milenar.

Com o advento da pandemia do COVID-19, os encontros presenciais no ateliê de pintura Encáustica não são mais possíveis de acontecer. Em meio a uma pandemia mundial, desenvolver um projeto de pesquisa baseado em arte fundamentado na metodologia da A/r/tografia, a partir de uma investigação quantitativa/qualitativa, se descortina um grande desafio. Essa pesquisa busca investigar a prática da artista, da educadora e da pesquisadora autora do projeto junto a um grupo de pessoas/pesquisadores selecionados e participantes de uma vivência prática com a pintura Encáustica.

A pesquisa baseada em arte usa a experiência imersiva e reflexiva individual em combinação com métodos de pesquisa qualitativos e artísticos, a fim de identificar, documentar e descrever os complexos fenômenos transformadores que ocorrem na união da expressão, reflexão e relacionamentos baseados nas artes. A sociopoética e a cartografia

amparam a investigação constituindo grupos de pesquisadores atores e sujeitos da pesquisa. Pesquisa essa que pretende ser de criação coletiva e cooperativa de conhecimento. Desse desejo, surge o projeto de um ateliê circulante, o Ateliê Efêmero. É sobre esse ateliê, o convite à participação, sua formação e o grupo de pessoas/pesquisadores que se refere essa apresentação.

Do desejo materializado na prática, à pesquisa, surgem questionamentos. É possível que esta técnica milenar tenha a capacidade de facilitar a experiência do fazer artístico, provocando e instigando conversações e diálogos entre a materialidade e processos internos, derrubando barreiras e abrindo caminhos para a criatividade, autodesenvolvimento e melhora da autoestima e da atenção, mesmo em pessoas que tem pouca familiaridade com ela?

**Palavras-chaves:** Encáustica; Ateliê; Arte; Transformação.

**Imagens-chave:**



**Referências**

DIAS, Belidson, IRWIN, Rita L. (orgs). *Pesquisa educacional baseada em arte: A/r/tografia*. UFSM: Santa Maria, 2013.

GAUTHIER, Jacques. A Sociopoética como prática de pesquisa integral [Sociopoetics as practice of integral research]. *Revista Enfermagem UERJ*, [S.l.], v. 22, n. 6, p. 848-852, mar. 2015. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/>

[index.php/enfermagemuerj/article/view/15781](http://index.php/enfermagemuerj/article/view/15781)>. Acesso em: 10 mai. 2021.

MCNIFF, Shaun. *Art-based research*. Jessica Kingley Publishers: London and Philadelphia. 1998.

NOGUEIRA, Ana Carmen Franco. *Lygia Clark: uma experiência de arte na vida de jovens cegos*. 2011. 187 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Orgs). *Pistas do método da cartografia*. v. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014.

## As veladuras do viver pedagógico: o voo das águas

Solange Utuari  
(UPM)

O ensino de Arte na escola vem sofrendo muitas revisões e proposições desde a década de 1980, gerando pesquisas, documentos oficiais, aumento nas publicações e ações destinadas a discuti-lo na escola e na formação de professores. Nessa trajetória, propostas curriculares, teorias e abordagens metodológicas são apresentadas aos professores que, diante de demandas contemporâneas, são solicitados a reflexões e reformulações de suas práticas pedagógicas. Aqui apresentamos uma pesquisa que investiga como professores que atuam no ensino de Arte se percebem nesse contexto e seguem trabalhando em meio às suas competências (RIOS, 2001 e 2016) e veladuras de um viver pedagógico. Pesquisa que estuda processos de criação, poéticas pessoais e encontros com a Arte ao acompanhar professores que contam suas histórias e expõem suas veladuras ao viver experiências no “grupo pesquisador”.

O termo “veladuras” tem sua raiz no vocabulário artístico enquanto processo técnico e poético e está presente nesta pesquisa como metáfora na investigação de “camadas” de experiências significativas no viver e no vir a ser do professor de Arte. O estudo ainda analisa ações e proposições para a formação continuada do professor de Arte por meio de percursos poéticos, estésicos e educativos (UTUARI, 2012, 2018 e 2020) considerando o conceito de “grupo pesquisador” que tem por base teórica e metodológica a sociopoética (GAUTHIER, 1999 e 2014) e o círculo de cultura (FREIRE, 2000, 2002, 2009, 2011 e 2014) e prima por valorizar o protagonismo dos participantes, o corpo, a Arte como produção de conhecimento, o encontro enquanto espaço e oportunidade para a escuta, fala e ações tendo por reflexões as trajetórias da “pessoa” criadora e poética. No ato pesqui-

sador trazemos a A/r/tografia (IRWIN, 2008; DIAS e IRWIN, 2013), como concepção de pesquisa ação/pesquisa viva.

Considerando a natureza humana em buscar oportunidades para o encontro, mesmo em tempos de distanciamento, a pesquisa fez convites, conjugando o verbo “esperançar” (FREIRE, 1992), a vinte e sete professoras para participarem do grupo pesquisador em espaço virtual com a criação de ambiências criadoras e educadoras (HARDAGH, 2017; MELLO, 2015) a partir da proposição da “caixa convite: ateliê viajante”, em que a linguagem da pintura aquarela, sumi-ê e o desenho estiveram presentes nas ações poéticas e conversações. Objetos e materialidades propositoras (MARTINS e PICOSQUE, 2012) dentro da caixa animaram conversas, nutrições estéticas e práticas artísticas como forma de viver o sensível, o poético, no estado de fronteira e perceber as dimensões: artística, pesquisadora e educadora. Nesse percurso foi possível compreender que é preciso construir espaços que permitam a criação e expressão, que possam ser mais expansivas, percebendo que só por “dentro é possível conhecer” realidades, desejos e sonhos de quem tinge com suas cores o suporte, “chão” da escola pública, os professores e as professoras.

**Palavras-chave:** Formação e história de vida de professores; Sociopoética; Grupo pesquisador; A/r/tografia.

**Imagens-chave:**



## Referências

DIAS, Belidson, IRWIN, Rita L. (orgs). *Pesquisa educacional baseada em arte: A/r/tografia*. UFSM: Santa Maria, 2013.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra 34ª Ed. 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro Paz e Terra, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 57ª edição. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 2014<sup>2</sup>

GAUTHIER, Jacques Zanid. *A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisas qualitativas: o aporte da sociopoética*. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Marc/Abr, n. 25, p.127-142, 2004.

GAUTHIER, Jacques Zanid. *Sociopoética - Encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais, enfermagem e educação*. Rio de Janeiro: Ed. Escola Anna Nery/UFRJ, 1999a.

GAUTHIER, Jacques. *A Sociopoética como prática de pesquisa integral [Sociopoetics as practice of integral research]*. Revista Enfermagem UERJ, [S.l.], v. 22, n. 6, p. 848-852, mar. 2014. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/15781>>.

HARDAGH, C. A Escola Expandida, proposta de ecologia dos saberes para outras pedagogias e currículo. In: GOMES, M. J.; OSÓRIO, A. J.; VALENTE, A. L. (Eds.). *Challenges 2017: Aprender nas nuvens, learning in theclouds*. Braga, Portugal: Uni-

versidade do Minho. Centro de Competência TIC do Instituto de Educação.

IRWIN, Rita. A/r/tografia: uma mestiçagem metonímica. In: BARBOSA, Ana Mae. (org.). *Interterritorialidade: mídias, contextos e educação*. São Paulo: Senac, 2008.

MARTINS, Mirian C.; PICOSQUE, Gisa. *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura*. São Paulo: Intermeios, 2012.

MELLO, R. L. S. Criatividade na Prática do Ateliê de Artes Plásticas. In: Maria de Fátima Moraes; Lúcia Cerqueira de Miranda; Solange Muglia Wechsler. (Org.). *Criatividade: aplicações práticas em contextos internacionais*. 1ed. São Paulo: Vetor, 2015, v. 1, p. 397-420.

RIOS, Terezinha Azeredo. *Compreender e Ensinar*. São Paulo: Cortez, 2016.

RIOS, Terezinha. *Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade*. São Paulo: Cortez, 2001.

UTUARI, Solange, MARTINS, Mirian Celeste. Veladuras do viver pedagógico. In: RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; ROCHA, Cleomar de Sousa (Orgs.). *Anais do XXIX Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas: Dispersões* [recurso eletrônico]. Goiânia: Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (Anpap), 2020. Disponível em: <<http://anpap.org.br/anais/2020/>>.

UTUARI, Solange. O professor propositor. In: HUMMES, Júlia; SANTOS, Luiz Fernando Cardozo dos; BELLO, Marcia Pessoa Dal (Orgs.). *Anais do 24º Seminário Nacional de Arte e Educação: Arte e Educação: Os desafios do professor de arte no mundo contemporâneo*. Montenegro: Ed. da FUNDARTE, 2014. Disponível em: <<https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/article/view/42/128>>.

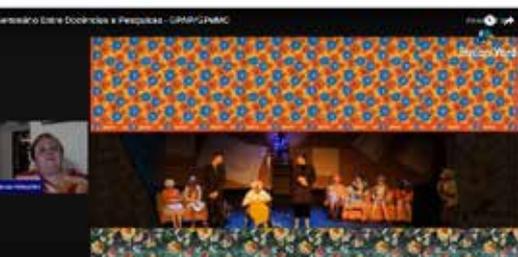
UTUARI, Solange. *Encontros com a arte e cultura*. São Paulo: FTD, 2012.

# Linguagens da Arte II

Narrativas visuais são constituintes, não são anexos, são corpos.

Nada é suscinto na educação.

Profa. Dra. Lucimar Bello (UFU)  
Mediadora



Registro das apresentações de Rita de Cássia Demarchi, Mariane B. A. Baptista, Marcia Cristina Polachini e Aurelice da Silva Vasconcelos, em 13/ maio/2021.

## Vem, eu te ensino a fotografar a borboleta

Aurelice da Silva Vasconcelos  
(SEE DF-GPeMC)

O estudo de caso refere-se a uma experiência de leitura de mundo por meio da produção de fotografias, com crianças da Reserva Extrativista do Cazumbá-Iracema, localizada na Floresta Amazônica do estado do Acre, que teve como principal objetivo perceber diferentes formas de realizar uma mediação pedagógica por meio de experiências vividas e construídas com crianças dessa comunidade. Em uma das oficinas, as crianças estavam fotografando uma borboleta com as asas abertas. A pesquisadora também foi fotografar a borboleta, mas ela voou. As crianças perceberam sua decepção e uma falou: “Não se preocupe, *vem eu te ensino a fotografar as borboletas*”.

*Vem* nos remete ao convite, percurso para aprendizagem. Devemos estar abertos para as mais variadas formas de perceber os chamados que podem ser até silenciosos. Precisamos praticar a Escuta Sensível, onde o educador deve saber sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para poder compreender de dentro suas atitudes, comportamentos e sistema de ideias, de valores, de símbolos.

*Eu te ensino* nos faz refletir sobre a prática, o processo do ato de ensinar e aprender. Carvalho (2006) comenta que a transformação da prática do professor decorre da ampliação de sua consciência crítica sobre o seu trabalho. Isto pode ser uma tentativa para compreender o que se faz e para fazê-lo de forma socialmente comprometida, com profissionais engajados e cientes de suas intencionalidades.

E o *Fotografar* como linguagem artística para eternizar o momento. A linguagem visual constituiu uma ação educativa pelo seu caráter interdisciplinar que favoreceu o diálogo entre os conhecimentos e permitiu a formulação de novos mecanismos metodológicos e materiais de

aprendizagem para as práticas pedagógicas. De acordo com Samain (2012, p. 16) a magia criadora pode ser considerada como “uma via real no que diz respeito a novas concepções estéticas, de pensar o mundo, as ciências do homem e as artes, por meio desses enigmas vivos que são as imagens”. Isso foi o que as imagens produzidas na comunidade puderam nos revelar, contar, despertar.

Trago as *Borboletas* como uma metáfora que podemos utilizar em nossas pesquisas como processo e, também, em nossas práticas pedagógicas, pois podemos comparar suas etapas com as etapas da construção de conhecimentos. Temos a etapa do ovo, da larva, da lagarta, do casulo. O ovo como ideia, nossa proposta, nossos objetivos, que vai eclodir, vai crescer, amadurecer. A larva como estado de repouso, processo. Lagarta como a busca, outros caminhos, modificações. Casulo como processos de tessituras, fios de conhecimento entrelaçados, texturas variadas do processo. Como pesquisadores e educadores sabemos como é importante o respeito ao período de pupa (fase crisálida) para chegar à esperada metamorfose. Com isso, vêm as asas, cores, formas, movimentos, beleza, liberdade. Mas, como controlar as asas, o voo e a liberdade surgida na metamorfose?

Foi isso que aconteceu comigo. Ali começou o meu processo de metamorfose, pois eu tinha tudo preparado, planejado e acontecendo “certinho como previsto”, mas o resultado foi outro. Não era eu que estava ali para ensinar. Não era eu que pertencia àquele contexto, não era eu que tinha toda conexão com a natureza, com aquele ambiente.

Sentamos nos troncos de árvores caídas no caminho e perguntei: *mas como se aprende a fotografar as borboletas?* Cada uma das crianças foi dando suas respostas: *“É simples, só precisa ficar parada observando seu voo”*. E outra completou: *“A senhora olha, olha, olha até que ela chega perto e pousa. E quando ela se aproxima não precisa ter pressa, senão ela se assusta. Tem que se aproximar com carinho”*. Cada resposta das crianças era uma desconstrução e reconstrução.

As crianças estavam envolvidas em seus processos educativos, reflexivos, culturais, de forma consciente e emancipadora. Maturana (2005) salienta que todo conhecer depende da estrutura de quem conhece. É necessário ver o mundo, ver as cores, ver nossas ações que dependem diretamente de nossa estrutura. Não se limitar ao que quer aprender, ir além. Ousar, esperar, compreender o tempo certo da aprendizagem.

As crianças me apresentaram a um mundo que eu precisava descobrir. A transformação da prática do professor decorre da ampliação de sua consciência crítica sobre o seu trabalho e suas intencionalidades. Ali foi um verdadeiro momento de muitos aprendizados com as crianças. Mostraram um outro mundo que precisávamos descobrir. A partir dessa experiência aconteceu uma transformação no modo pedagógico de conduzir as oficinas fotográficas e, também, uma transformação pessoal.

E com isso, tivemos o olhar daqueles que revelaram aquilo que é peculiar do seu contexto. “Freire destaca como mediação fundamental do processo educativo, o diálogo através da dinâmica da problematização com amorosidade, de revisão crítica da história, dos limites e das possibilidades do presente em articulação com os desafios do futuro” (ADAMS, 2016, p.257). Com isso, aprendemos não só como fotografar as borboletas de asas abertas e sim, experiências de vida.

A partir dessa experiência eu convido para que todos possam transformar borboletas em ações e *borboletear* em suas pesquisas e em suas práticas pedagógicas. *Borboletear* conscientes de suas intencionalidades, das tessituras de seus fios construídos no casulo, *borboletear* no diálogo, na problematização, nas possibilidades, nos desafios. *Borboletear* de asas abertas, pousar nas flores, pousar e posar por outras lentes.

**Palavras-chave:** Leitura de imagem; Linguagem visual; Cultura extrativista; Leitura de mundo.

**Imagens-chave:**



### Referências

ADAMS, Telmo. Mediação Pedagógica. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSK, Jaime José. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

BARBOSA, Ana Mae. *Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras*. Revista Estudos Avançados. Volume 03, número 07. São Paulo, set/dez., 1989.

CARVALHO, Isabel. *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez, 2006.

MATURANA, H. *Cognição, Ciência e Vida Cotidiana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SAMAIN, Etienne. *Como pensam as imagens*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

VASCONCELOS, Aurelice. *As Amazônias da Cazumbá: A Fotografia como vivência de Antropologia Visual e Socioambiental para revelar uma Reserva Extrativista e sua Cultura*. Tese de Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura. Universidade Presbiteriana Mackenzie: São Paulo, 2019.

## **Arte, imagens, vida: caminhadas e afetos com estudantes e outros companheiros de jornada**

Rita de Cássia Demarchi  
(IFSP-GPeMC)

Como viver / lecionar / criar / sentir / pensar / caminhar / lembrar / sonhar nos tempos atuais? Tempos inimagináveis (DEMARCHI, 2018) que no caminhar dos últimos anos se adensam cada vez mais... Entre o individual e o coletivo, entre a tragédia e o luto devido à pandemia Covid-19 e ao descaso e desrespeito às diversas formas de vida... Desrespeito por parte das esferas do poder e de parcela da população... Penso que a possibilidade passe por continuar a não negar os acontecimentos, a não me anestesiar, e a caminhar pela via do estar junto, do afeto e da criação no possível. Contra a lógica da negação, do produtivismo e utilitarismo que solapam o humano; construir redes e caminhos com parceiros/companheiros que se deixam afetar e compartilhar experiências profundas (DEWEY, 2010), pontuadas por angústias, maravilhamentos, sonhos, desejos, criações.

De pesquisas anteriores - doutorado (DEMARCHI, 2015) e pós-doutorado, trago a figura simbólica do peregrino como ser integrador, sensível, envolvido e empático que se coloca em processo ao não se furtar às belezas, às dores e ao padecer (DEWEY, 2010) vividas e refletidas em suas andanças, tropeços e isolamentos. No doutorado fui movida pela intenção de ver e fotografar o visitante dos museus e exposições de arte no encontro com as obras e seus espaços. No pós-doutorado, a figura do peregrino em mim se uniu à do artista e do educador, em uma fase de aprendizado que alternou dolorida introspecção e deslocamentos. Vivências e experiências alimentam o que sou, o que faço e permitem-me reconhecer que valiosos companheiros de jornada que integram os diversos tempos podem estar na natureza (uma seringueira na Amazônia - Reserva Extrativista Iracema-Cazumbá/AC me ensinou tanto!), na arte (como

não me ver/comover com a arte de diferentes tempos, culturas e vertentes?), entre os amigos, familiares, educadores, orientadoras (como Mirian Celeste e Luiza Christov), artistas, estudantes, e em especial, os estudantes do Ensino Médio e Superior do IFSP Campus Cubatão.

Na fala compartilhada no Seminário, coloco alguns pontos sobre as experiências docentes com os estudantes do IFSP. Respeitando o distanciamento social, necessário em momento de uma pandemia descontrolada, encontramos-nos de diferentes modos, tais como: mensagens nas redes sociais, chamadas por telefone e vídeo, propostas no ensino remoto emergencial que envolvem textos e fotos. Em uma das propostas, os estudantes do Ensino Médio compartilham no grupo fotos de celular sobre algo que passaram a perceber de uma forma diferente, e depois, conversamos sobre as imagens enviadas. Dessa forma, imagens, palavras e afetos nos embalam e nos fortalecem para a busca de desacelerar, de ouvir mais, de expressar e de estar juntos, como que sentados ao redor de uma fogueira - seja para contemplar o crepúsculo e as estrelas, para poder gritar ou prestar socorro, seja para rir e no possível celebrar a alegria de viver e o enfrentamento do absurdo e da opressão. Inspirada pela própria arte, pelas metodologias artísticas de pesquisa (ROL-DÁN; MARIN VIADEL, 2012) e por autores e processos que valorizam a subjetividade, o poético e metafórico, na integração arte/pesquisa/docência/vida.

Penso que em tempos obscuros, mais do que nunca, tudo o que cuida e valoriza as diversas formas de vida ganha importância fundamental.

**Palavras-chave:** Ensino de arte; Fotografia; Ensino remoto emergencial; Ensino Médio, Subjetividade.

### Imagens-chave:



### Referências

DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MARÍN VIADEL, Ricardo; ROLDÁN RAMÍREZ, Joaquín. *Metodologías artísticas de investigación em educación*. Archidona/ES: Aljibe, 2012.

DEMARCHI, Rita de Cassia. *Ver aquele que vê: um olhar poético sobre os visitantes em museus e exposições de arte*. 2015. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

DEMARCHI, Rita de Cássia. *Arte e educação em tempos inimagináveis: caminhar na penumbra*. In: OLIVEIRA, Ronaldo; QUEIROZ, João Paulo (Orgs). *Arte e ensino: propostas de resistência*. Lisboa: Universidade de Lisboa/ Faculdade de Belas- Artes / Centro de Investigação e Estudos em Belas Artes, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/37161>>.

## Teatro na escola como prática de liberdade

Marcia Cristina Polachini  
(UNIÍTALO-SEE-SP-GPeMC)

O presente texto aborda a pesquisa realizada pela autora em sua tese de doutorado (OLIVEIRA, 2014) em Educação, Arte e História da Cultura, intitulada: *Arte em Cena: Teatro na Escola Pública como Prática de Liberdade*. Na pesquisa, aborda o processo de criação e desenvolvimento do *Projeto Arte em Cena*, realizado na Escola Estadual Plínio Barreto, na cidade de São Paulo. Inclui a apresentação e análise da trajetória do grupo de teatro estudantil (de 2007 a 2014) *Arte em Cena* (<http://facebook.com.br/gaec.teatro>), seu processo de criação, as montagens e apresentações teatrais na escola e fora dela, trabalho que motivou também a escrita do artigo: *Abrindo as janelas para o que tem fora dos muros da escola*, publicado no livro *Pensar juntos mediação cultural: [entre]laçando experiências e conceitos* (MARTINS, 2018).

A pesquisa trata do teatro como prática de liberdade, como uma linguagem universal e sua possibilidade de proporcionar a oportunidade de adolescentes de diversas idades, educandos e ex-educandos do ensino básico da escola pública, ampliarem a habilidade de criação, bem como o processo criativo e construtivo como facilitador do desenvolvimento de potencialidades de vivência e de convivência na sociedade, com participação ativa, integrado socialmente de modo mais humanizado, com mais conhecimento, conscientização e autonomia. Parte da premissa de que a arte - o teatro - constitui-se de uma ação educativa crítica e transformadora que proporciona autonomia aos envolvidos. A autora desenvolveu, durante a pesquisa, uma proposta metodológica em um processo dialógico-crítico-participativo, em uma perspectiva histórico-cultural, com teorias e práticas teatrais a partir principalmente de Lev Vigotski, Constantin Stanislavski, Eugenio Kusnet, Augusto Boal e Viola Spolin,

e entende que os educandos podem tornar-se agentes fortalecedores e produtores de arte e cultura.

Este breve ensaio é um convite a conhecer a continuidade deste projeto após a conclusão do doutorado e seus desdobramentos no ensino superior, com o propósito de orientar e formar multiplicadores desta proposta, já que em 2017 a autora passou a coordenar o curso Licenciatura em Teatro no Centro Universitário Ítalo Brasileiro na cidade de São Paulo (<https://italo.com.br/cursos/teatro/>).

**Palavras-chave:** Teatro na escola; Adolescentes; Ensino básico; Ensino superior; Liberdade.

**Imagens-chave:**



### Referências

MARTINS, Mirian Celeste (Org.). *Pensar juntos mediação cultural: [entre]laçando experiências e conceitos*. São Paulo: Terracota Editora, 2018.

OLIVEIRA, Marcia Cristina Polacchini de. *Arte em Cena: teatro na escola pública como prática de liberdade*. 2014. 243 f. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

## Aproximações à Cultura Visual em uma trajetória de formação

Mariane Blotta Abakerli Baptista  
(FASM-GPeMC)

A pesquisa que realizei para o doutorado em Artes e Educação (BAPTISTA, 2014), mais que buscar respostas, fala do formar-se com outras pessoas.

Esta trajetória começa em São Paulo, quando realizo a graduação em Desenho Industrial, formação que aguça o modo como vejo os objetos e o modo como são feitos, sentido que foi ampliado para a relação com as pessoas e os modos de estar no mundo. Depois de graduada comecei a dar aulas na educação formal e não formal, utilizando como base a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, muito inovadora nos anos 1990, por dar ênfase à necessidade da formação em Arte através da Arte. No entanto, no início dos anos 2000, o encontro com alunos de uma escola pública durante o trabalho de mediação na XIV Bienal de São Paulo, fez com que eu questionasse minha prática docente.

Esse questionamento me levou a Barcelona, para fazer um mestrado em Cultura Visual e a realizar um doutorado *com* o grupo que estuda a Perspectiva Educativa dos Projetos de Trabalho, pois buscávamos o mesmo: questionar nossas práticas docentes para seguir formando-nos, desde a complexidade de nossas subjetividades e desde o comum que compartilhávamos.

A Cultura Visual não foi só o campo de conhecimento que criou as condições necessárias para repensar minha prática docente, mas foi, principalmente, a metodologia utilizada na análise e composição dos dados visuais produzidos durante a pesquisa, que não partiu do que existia ou do que se utilizou, mas do que *foi produzido* para representar os espaços de relação quando se documenta e quando se exploram relações pedagógicas.

A Cultura Visual, como campo teórico e metodológico que "...reclama uma aproximação das práticas da visão, dos meios e das representações visuais a partir de uma perspectiva cultural" (Hernández, 2007, p. 27), foi essencial para a análise dos dados da pesquisa. Se olhamos o mundo a partir do lugar que ocupamos (Evans & Hall, 1999), como seria possível não analisar as imagens e dados gerados durante a pesquisa a partir do campo da Arte, que foi meu campo de formação e com o qual me relacionava diariamente? Desse modo, na relação texto/imagem questioneei a supremacia do texto como única forma de validação de construção do documento, através da utilização de metodologias visuais de pesquisa, de princípios pós-modernos da arte e de questionamentos da Antropologia, tais como a polifonia e o giro linguístico, para gerar um capítulo onde o próprio texto se converte em imagem.

Ao utilizar a imagem e a Arte como documentos e dados constituintes da pesquisa que serão analisados, transforma-se o campo da pesquisa em um "lugar onde 'se criam compreensões sociais coletivas': um terreno no qual se joga 'a política do significado' com a intensão de ganhar adeptos para modos concretos de ver o mundo" (Hall, citado em Storey, 2002:17-18). Trabalhar a partir da relação texto/imagens/Arte abre a pesquisa para o modo como nos acercamos às imagens, o efeito que isso provoca e o que queremos saber dessas imagens. Se incorporamos nossos modos de ver e analisar o mundo nos processos de investigação, estamos possibilitando a criação de metodologias vivas que permitem por em relação os sujeitos pedagógicos com seus processos de reflexividade e autoria. No meu caso, a Cultura Visual vinculada à pesquisa se deu no entrelaçamento entre imagens, cotidiano e subjetividade. Este posicionamento nos aproxima à ideia de que as relações pedagógicas se constroem através das experiências, ao mesmo tempo em que a investigação se constitui no processo reflexivo que, no meu caso, retornará à prática docente.

**Palavras-chave:** Artes; Educação; Cultura Visual.

**Imagens-chave:**



### Referências

BAPTISTA, Mariane B. A. *Relaciones entre la Cultura Visual y la Perspectiva Educativa de los Proyectos de Trabajo en un trayecto de formación*. 2014. Tese (Doutorado em Artes e Educação) – Universidade de Barcelona, Barcelona/ES, 2014.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva; Porto Alegre: Fundação IOCHPE, 1991.

EVANS, Jessica; HALL, Stuart (eds.). *Visual Culture: the reader*. London: Sage, 1999.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Catadores da cultura visual. Proposta para uma nova narrativa educacional*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.

STOREY, John. *Teoría Cultural y Cultura Popular*. Barcelona: Octaedro, 2002.

# Arte na Educação Básica

A potência de lidarmos com múltiplas linguagens é libertar as pessoas para elas pensarem, para elas agirem.

Profa. Dra. Ingrid Hötte Ambrogi (UPM)  
Mediadora



Registro das apresentações de Maria José Braga Falcão, Dilma Angela da Silva, Maria de Lourdes Sousa Fabro e Maria Filippa da Costa Jorge, em 14/ maio/2021.

## **Caminhadas-cortejo como prática mediadora entre educação, arte, cidade e as infâncias**

Dilma Angela da Silva  
(SMESP-GPeMC)

A presente comunicação convida a pensar as caminhadas-cortejos como práticas das escolas de Educação Infantil da região central de São Paulo que se constituem experiências estéticas realizadas como processos de mediação cultural, de descoberta e de exploração dos signos da cidade, ampliando assim a percepção e a leitura de mundo das educadoras, crianças e da comunidade. Quais são as experiências das crianças com o espaço urbano? Como a escolar articula encontros entre arte, cultura e cidade? A reflexão é parte da dissertação de mestrado (SILVA, 2020) e do fazer cotidiano da pesquisadora, em que as caminhadas-cortejos são modos de conexão entre as crianças e a cidade.

Segundo Silva (2021, p.249) as caminhadas-cortejos são práticas culturais infantis que vêm se constituindo como ações poéticas e coletivas, pois ampliam suas linguagens expressivas e possibilitam experiências estéticas e educativas que transbordam para além dos muros da escola. A orientação cartográfica, segundo Kastrupp (2015), nos permite acompanhar os processos de subjetividade das experiências vividas pelas crianças e pelas educadoras, por meio da observação participante. A A/r/tografia, segundo Dias e Irwin (2013), fundamenta a possibilidade metodológica de integrar os saberes e fazeres entre artista, educadora e pesquisadora. Muitos autores contribuem teoricamente com a pesquisa dentre eles: Bonci (2013), Corsaro (2011), Freire (1989), Martins (2012, 2017) e Pesavento (2007). Os foto-ensaios realizados, tal qual proposto por Martins (2018) nos permitem pensar as imagens não como meras ilustrações, mas como textos visuais que permeiam a pesquisa e revelam toda a riqueza das produções e percepções das crianças em relação à cidade.

Dentre um olhar de inteireza de ser e existir, a arte, a cultura, o brincar, o caminhar e o cortejar a cidade dão visibilidades às criações, experiências e existências infantis das crianças nesse contexto urbano.

**Palavras-chave:** Infância; Cidade; Mediação Cultural; Caminhada – Cortejo.

**Imagens-chave:**



### Referências

BONCI, Estela Maria Oliveira. *Uma janela aberta para a leitura do mundo: o desenho de crianças de 9/10 anos a partir de intervenções pedagógicas*. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2013.

CORSARO, William A. *Sociologia da Infância*. Tradução Lia Gabriele Regius Reis. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. Coleção polêmicas do nosso tempo.

IRWIN, Rita. *A/r/tografia*. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita (Orgs.). *Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia*. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. *Mediação Cultural para professores andarilhos na cultura*. 2 ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

MARTINS, Mirian Celeste (Org.). *Mediação cultural: olhares interdisciplinares*. São Paulo: Uva Limão, 2017.

MARTINS, Mirian Celeste (Org.). *Encontros nos espaços da arte: foto-ensaios em pesquisa*. São Paulo: Uva Limão, 2018.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílina da. (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre, Sulina Editora, 2015.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História - Órgão Oficial da Associação Nacional de História*. São Paulo: ANPUH, vol. 27, 53, jan. - jun., 2007.

SILVA, Dilma Ângela. *Andarilhar e perceber a cidade com crianças da educação infantil: cortejo, arte e mediação cultural*. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2020.

SILVA, Dilma Ângela. Cortejos poéticos: visibilidades e experiências das crianças na cidade. In: GOBBI, Marcia Aparecida, PITO, Juliana Diamante. (Orgs.) *Coletivos, mulheres e crianças em movimentos: na pandemia, do podcast ao livro*. São Paulo: FEUSP, 2021.

## **Criança espaço expositivo e arte contemporânea: antropofagia de aprendizagens**

Maria Filippa da Costa Jorge  
(SME SP-GPeMC)

O presente trabalho se propõe refletir sobre as relações entre criança, Arte, mediação e alfabetização. A partir das minhas experiências como mediadora e professora, em diversas exposições observei a ação do corpo das crianças e suas respostas à mediação proposta, tendo como pauta a experiência do encontro. Sendo esta vivência uma fonte de crescimento e alicerce para a construção de significações, a pesquisa desenvolvida em meu mestrado (JORGE, 2018) surge com o interesse de investigar a relação cognitiva-lúdico-estética da ação da criança e de seu corpo frente à arte no espaço expositivo, como ativação de corpos nestes espaços e a potência de possíveis objetos propositores.

A Arte Contemporânea, as trocas afetivas, os diálogos, a criação de dispositivos propulsores são questões que marcam o foco central de análise da pesquisa: os espaços expositivos que abrigam arte são compreendidos como espaços de encantamento, descoberta, exploração ou somente pura diversão? Podem auxiliar o processo de alfabetização pensando na Arte como verbo de ação? Com sua expografia e curadoria podem influenciar o processo de descoberta e significados para a criança a partir de sua ação?

Partindo da vivência como mediadora e de visitas a espaços voltados às crianças, ou não, com suas expografias e curadoria, disposição do espaço, visualização das obras, acolhimento e regras, a pesquisa se descortina em pequenas histórias refletidas pelo olhar da teoria e se tornam uma antropofagia de aprendizagem. Assim, o processo de descoberta visa ampliar a compreensão da experiência estética e emancipadora das crianças como público cidadão mergulhando na cultura.

**Palavras-chave:** Mediação cultural, Criança, Espaço expositivo, Arte contemporânea.

**Imagens-chave:**



**Referências**

JORGE, Maria Filippa da Costa. *Criança, espaço expositivo e arte contemporânea: antropofagia de aprendizagens*. 2018.158 f. Dissertação (Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

## **Frames do Projeto Anima Barretos: Festival de Animação, Tecnologia, Professores de Arte e o Audiovisual na Escola**

Maria de Lourdes Sousa Fabro  
(UNB-GPeMC)

As tecnologias fazem parte da vida dos estudantes do século XXI e estes precisam vivenciá-las também na escola. Os alunos nomeados carinhosamente por Michel Serres (2013) como “Polegarzinha” e “Polegarzinho”, e “Nativos Digitais” por Palfrey e Gasser (2011), utilizam as tecnologias através de interações sociais, amizades e trabalho. Eles nunca conheceram outra maneira de vida sem a mediação da tecnologia digital. Neste ensaio, apresento a minha tese de doutorado intitulada ‘Frames do Projeto Anima Barretos: Festival de Animação, Tecnologia, Professores de Arte e o Audiovisual na Escola’ (FABRO, 2020), pesquisa em que entrelaço as experiências vividas como Professora de Arte, Formadora de Professores e Pesquisadora, em diálogo com as ações do Projeto Anima Barretos, configurando, de certa forma, uma Autobiografia Pedagógica.

As animações estão em todos os meios de comunicação e também em diversas formas de entretenimentos. Desde a sua invenção, a animação envolveu características da arte e da tecnologia, a magia e encantamento mexeu com a imaginação das gerações analógicas e hoje, com as digitais. Com o objetivo de fomentar o uso das tecnologias e a linguagem da animação nas aulas de Arte, idealizei em 2007 o Projeto Anima Barretos atrelado ao currículo escolar e cultura. Nos encontros com os docentes, o foco principal era evidenciar o potencial da linguagem da animação como instrumento didático e produzir reflexões sobre as relações entre tecnologia e processo de conhecimento, tecnologia e processo de criação nas escolas. Os professores de Arte de Barretos/SP e região, foram protagonistas das ações do projeto, criando situações de aprendizagens com

a linguagem cinematográfica, visando ampliar os conhecimentos que os alunos já trazem com as tecnologias. Essas ações culminavam em um festival, o 'Anima Barretos', uma forma de impulsionar a utilização das tecnologias na sala de aula e dar visibilidade para as criações dos alunos do Ensino Fundamental, Médio e EJA. Os professores de Arte foram mediadores de descobertas, pois os alunos além de possuírem agilidade com as tecnologias, desejam contribuir com o desenvolvimento dos conhecimentos produzidos dentro da sala de aula.

O projeto tinha a intenção de despertar nos alunos o interesse em atividades didático pedagógicas, que propiciassem uma aprendizagem interativa, lúdica e diversificada. Além disso, conscientizar os alunos do seu percurso criador para chegarem à forma e conteúdo de suas animações. Durante o processo de criação das animações, os alunos trabalharam em grupos, se socializando, trocando ideias e valorizando o seu trabalho e o dos colegas, principalmente compreendendo as diversas visões sobre o mundo. Nos doze anos de vida do projeto Anima Barretos o Festival de Animação, exibiu as animações, professores de Arte e alunos foram reconhecidos pelos seus trabalhos, ultrapassando os muros das escolas. Os jovens utilizaram a tecnologia e os recursos técnicos do audiovisual, para se expressarem e para falar sobre seus sonhos e a 'sua' cultura, foram protagonistas, e este é o papel da escola na sociedade.

Na minha pesquisa de Mestrado estudei os materiais educativos criados por instituições culturais e a utilização na sala de aula pelos Professores de Arte de Barretos/SP e região. Desde o início da tese, sonhei em criar um material educativo sobre animação para Professores de Arte, com o objetivo de que ele fosse o estopim para o trabalho com essa linguagem que encanta e envolve os alunos. O professor se vê na fala do outro e na maneira como trabalha, e esse material desenvolvido na tese, apresenta pistas de como potencializar a linguagem da animação na sala de aula, composto por cinco cadernos: 1- Animação na escola; 2 - Ilusão: projeção luminosa; 3 - Linguagem cinematográfica

fica e animação; 4 - Animação depois da escola e 5 - Keyframes da Animação Brasileira. E então Prof! Bora animar?

**Palavras-chave:** Educação; Tecnologia; Mediação Cultural; Professor de Arte; Animação.

**Imagens-chave:**



### Referências

FABRO, Maria de Lourdes Sousa. *Frames do Projeto Anima Barretos: Festival de Animação, Tecnologia, Professores de Arte e o Audiovisual na Escola*. Tese (Doutorado em Arte Contemporânea) - Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

PALFREY, John; GASSER, Urs. *Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SERRES, Michel. *Polegarzinha: uma nova forma de viver em harmonia e pensar as instituições, de ser e de saber*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

## **Desenho e colagem pensados enquanto duração: uma proposta para os anos iniciais do Ensino Fundamental**

Maria José Braga Falcão  
(MoséAteliê de Arte- GPAP-GPeMC)

Desenho e colagem pensados enquanto duração é um recorte do projeto Pensando Arte a partir do Desenho, desenvolvido entre 2017/2018 com alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual da cidade de Sorocaba/SP.

Para pensar Arte a partir do desenho da criança foi preciso interferir no tempo instituído para as aulas de Arte e cultivar um tempo lento e desacelerado que se ocupa também do sensível. Um tempo para conceber o desenho numa visão ampliada, acolhendo suas qualidades de registro, intimidade, maneira de perceber, conhecer e guardar essas percepções, qualidades estas reforçadas pela colagem. Alguns autores como Benjamin (2000), Canton (2009a e 2009b), Certeau (1994), Derdyk (2010), Grillo (2014), Nunes (2005) e Oliveira (2010) apontam reflexões significativas sobre as práticas do desenho e colagem.

A experiência do projeto pode ser considerada um desdobramento da pesquisa apresentada na tese de doutorado (FALCÃO, 2015), a qual permitiu pensar a Arte nos espaços-tempos praticados no cotidiano escolar como uma possibilidade de mediação para sensibilizar os alunos e instituir outras maneiras de se constituir o tempo e o espaço para a Arte.

A poética do encontro entre o desenho e a colagem vivenciada durante o projeto, aproximou alunos da mesma classe e de classes diversas, promovendo a partilha de saberes mediados pelo fazer, leitura e conhecimento em Arte.

**Palavras-chave:** Arte; Ensino; Tempo; Desenho e colagem; Poética do encontro.

**Imagens-chave:**



### Referências

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II: rua de mão única*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

CANTON, Kátia. *Tempo e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 2009a. (Coleção Temas da Arte Contemporânea).

CANTON, Kátia. *Espaço e lugar*. São Paulo: Martins Fontes, 2009b. (Coleção Temas da Arte Contemporânea).

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: as artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil*. Porto Alegre: Zouk, 2010.

FALCÃO, Maria José Braga. "A professora do nada". *Na consciência da ausência uma presença possível: arte no espaço e tempo do cotidiano escolar*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2015.

GRILLO, Daniela de Souza Martins. Onde ponho tudo isso? In: MARTINS, Mirian Celeste (Org.) *Pensar juntos a mediação cultural: [entre]laçando experiências e conceitos*. São Paulo: Terracota, 2014. p.47-48.

NUNES, Rosa Soares. *Nada sobre nós: a centralidade da comunicação na obra de Boaventura Sousa Santos*. São Paulo: Cortez, 2005.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Currículos praticados em tempos de Globalização: o cotidiano escolar e seus condicionantes na criação de alternativas emancipatórias. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de. (Org.). *Práticas cotidianas e emancipação social: do invisível ao possível*. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2010.p. 16-36.

# QUEM SOMOS

---



**Adriana Vilchez Magrini Liza** - Professora de dança em escolas para crianças. Mestre e Doutoranda em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; Especialista em Sistema LABAN / Bartenieff pela Faculdade Angel Viana; Especialista em Dança e Consciência Corporal pela FMU; Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Claretiano e em Ciências pela Fundação Municipal de Ensino Superior de Bragança Paulista; Membro do grupo de Pesquisa em Mediação Cultural: contaminações e provocações estéticas - GPeMC sob a coordenação da Prof<sup>ª</sup> Dra. Mirian Celeste Ferreira Dias Martins. Idealizadora do projeto: Dança Criativa [www.dancacriativa.com.br](http://www.dancacriativa.com.br). [avm.liza@gmail.com](mailto:avm.liza@gmail.com)



**Ana Carmen Nogueira** - Artista, Educadora e Arterapeuta. Graduada em Artes Plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado, tem Pós-graduação/especialização em Educação Especial pela UNICID, Arteterapia pelo Centro Universitário FIEO. Mestre e Doutoranda em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Pesquisadora do “Grupo de Pesquisa em Mediação Cultural: contaminações e provocações estéticas”, sob coordenação da Prof<sup>ª</sup> Dra. Mirian Celeste Martins. Atualmente é professora e assistente de coordenação da Pós-Graduação Arte Reabilitação do Instituto Faces e desenvolve pesquisa e oferece curso de pintura encáustica e arteterapia no Ana Carmen Nogueira Ateliê de Artes. <http://anatelie.art.br> [anacarmenn@gmail.com](mailto:anacarmenn@gmail.com)



**Aurelice Vasconcelos** - Doutora em Educação, Artes e História da Cultura, da Universidade Mackenzie SP, onde pesquisou a antropologia visual por meio da linguagem fotográfica e a cultura extrativista. O seu Mestrado foi em Ecologia Humana e Educação, na Universidade de Brasília, com foco na Educação Ambiental. É Pedagoga pela Universidade de Brasília – Unb. Professora da Secretaria de Educação do DF. Participa do programa de voluntariado do ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade), onde realiza pesquisas, expedições fotográficas, oficinas de Educação Ambiental, oficinas e capacitação de fotografia. É fotógrafa e artista visual, onde já realizou exposições individuais e coletivas. [aurelice.vasconcelos@gmail.com](mailto:aurelice.vasconcelos@gmail.com)



**Dilma Ângela da Silva** - Coordenadora Pedagógica na EMEI Monteiro Lobato. Tem experiência na área de Educação, com ênfase nas Infâncias, Artes e Formação de Professores tendo como foco a articulação do Projeto Político Pedagógico no coletivo da escola em diálogo com o Território. Atuante Território Educativo das Travessias coletivo de escolas da infância na região central de São Paulo. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Possui graduação em Geografia e Pedagogia pela Universidade Estadual de Minas Gerais UEMG. Atualmente é Integrante do Grupo de Pesquisa em Mediação Cultural (GPeMC) sob liderança de Mirian Celeste Ferreira Dias Martins e Jéssica Makino. [dilmangel5@gmail.com](mailto:dilmangel5@gmail.com)



**Estela Maria Oliveira Bonci** - Doutora e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Graduação em Pedagogia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e graduação em Artes - Educação Artística (licenciatura) pelo Centro Universitário Claretiano. Especialização em Psicopedagogia, Educação Especial e Psicopedagogia Institucional. Vice-líder do GPeMC - Grupo de Pesquisa em Mediação Cultural: contaminações e provocações estéticas (líder: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mirian Celeste Martins) desde 2011. Pesquisadora do GPAP - Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia (líder: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mirian Celeste Martins) desde 2013. Docente do Centro Universitário das Américas - FAM nos cursos de graduação em Pedagogia e Licenciaturas. [estelabonci@hotmail.com](mailto:estelabonci@hotmail.com)



**Ingrid Hötte Ambrogi** - Doutora em História Social - FFLCH -USP (2005), Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano IP-USP (1997), graduada em Pedagogia pela PUC-SP (1985). Atualmente é professora do Programa de Pós Graduação em Educação Arte e História da Cultura e do Curso de História da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Desenvolve pesquisas nas áreas de História da Cultura e Educação com temáticas sobre a cidade de São Paulo. É líder do grupo de pesquisa Arquivo, Memória e Cidade, (Amecidade). É membro da rede internacional RIEP (Red Internacional de Educación Patrimonial - International Network on Heritage Education) com sede em Barcelona, Espanha. Membro do ICOMOS, Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, - "International Council of Monuments and Sites" (ICOMOS), associação civil não-governamental, ligada à ONU, através da Unesco, com sede em Paris França e da Rede de Patrimônio Paulista. [ihambrogi@gmail](mailto:ihambrogi@gmail)



**Jéssica Mami Makino** - Pesquisadora e professora das disciplinas de Arte, Música e Expressão e Estágio Supervisionado e vice-coordenadora do Curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP de Ribeirão Preto. Mestre e doutora em Música pelo Instituto de Artes da UNESP.

Membro do grupo de pesquisa GPAP - Arte na Pedagogia.  
[jejemakino@gmail.com](mailto:jejemakino@gmail.com)



**Lelê Ancona** - Lelê Ancona é diretora do Projeto Circulararte Educação: [www.circulararte.com.br](http://www.circulararte.com.br), formadora de professores no Instituto Avisa Lá e professora há 30 anos. Doutora em Educação pela PUC/SP, Mestre e Especialista em Teatro pela ECA/USP, Graduada em Artes Visuais pela Faculdade

Santa Marcelina. Desenvolveu pesquisa de pós-doutorado na UNICAMP com bolsa FAPESP, investigando a imagem docente no diálogo com o fazer teatral e a escrita espetacular.

[leleancona@hotmail.com](mailto:leleancona@hotmail.com)



**Lucia Lombardi** - Professora da Universidade Federal de São Carlos campus Sorocaba, área de Metodologia do Ensino de Arte, Corporeidade e Educação. Líder do GIAPE - Grupo de Pesquisa sobre Infância, Arte, Práticas Educativas e Psicossociais. Vice-líder do GPAP - Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia. Mestre e doutora pela Faculdade de Educação da USP.

[lucialombardi@ufscar.br](mailto:lucialombardi@ufscar.br)



**Lucimar Bello** - Artista visual, desenhos, instalações, vídeos, performances, livros de artista. Escritora. Exposições individuais e coletivas no Brasil, Argentina, Chile, Cuba, Japão, China, Portugal, Espanha, França. Pós-Doutora em Comunicação e Semiótica, PUC-SP. Pós-Doutora no Núcleo de Estudos da Subjetividade, PUC-SP. Mestre e Doutora em Arte Educação ECA-USP. Profa. Titular Aposentada UFU-MG. Membro da FAEB e da ANPAP. Membro do MAMETO-EBA-UFBA e do CPS-PUC-SP.

[lucimarbello@terra.com.br](mailto:lucimarbello@terra.com.br)



**Marcia Maria Strazzacappa Hernandez** - Livre Docente (Unicamp, 2015); Doutora em Artes: Estudos Teatrais e Coreográficos (Universidade Paris 8, 2000); Mestre em Educação (UNICAMP,1994); Licenciada em Pedagogia (UNICAMP,1986) e em Dança (UNICAMP, 1990). Docente aposentada do De-

partamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte da Faculdade de Educação da Unicamp. Atualmente, é professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação e colaboradora da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. Professora Visitante Sênior do PROF-ARTES da UFPB (2019/21). Atual pesquisadora do Laboratório de Estudos sobre Arte, Corpo e Educação/Laborarte. Sua pesquisa se desenvolve na interface entre três campos do conhecimento: Educação, Arte e Saúde. [marciastrazzacappa@gmail.com](mailto:marciastrazzacappa@gmail.com)



**Marcia Polacchini** - Doutora em Educação, Arte e História da Cultura, coordenadora e professora das licenciaturas em Teatro e Artes Visuais do Centro Universitário Ítalo Brasileiro, professora de Arte SEE/SP e integrante do GPMC.

[mcpolacchini@gmail.com](mailto:mcpolacchini@gmail.com)



**Maria de Lourdes Sousa Fabro** - Pesquisadora e professora de Artes Visuais do Colégio Liceu Mackenzie em Olímpia/SP, atuando no Ensino Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Foi idealizadora e coordenadora do Festival ANIMA BARRETOS, um festival de animação com a participação dos

alunos das escolas estaduais de Barretos e Região com a orientação dos professores de Arte de 2007 a 2018. Doutora pelo Instituto de Artes da Universidade de Brasília/UNB. Mestre pelo Instituto de Artes da Unesp. Especialista em Educação Especial e Artes pela UNESP-SP). Graduada em Educação Artística/Artes Plásticas na Faculdade São Judas Tadeu/SPE. [uartefabro@gmail.com](mailto:uartefabro@gmail.com)



**Maria de Fátima Ramos de Andrade** - Possui graduação em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Mestrado em Educação pela Universidade de São Paulo, Doutorado em Comunicação Semiótica pela PUC/SP e pós-doutorado em Políticas e Práticas da Educação Básica e Formação

de Professores pela Fundação Carlos Chagas. Atua em cursos de graduação e pós-graduação em Educação. Integra a Rede de Estudos sobre Desenvolvimento Profissional Docente (REPED). Membro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Membro associada do World Education Research Association (Wera). Group: International Research Networks (IRNs). Didactics? Learning and Teaching. [mfrda@uol.com.br](mailto:mfrda@uol.com.br)



**Maria Filippa da Costa Jorge** - Professora especialista em Arte e Educação, Universidade de São Paulo- Escola de Comunicação e Artes. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura, pela Universidade Mackenzie, ênfase na pesquisa sobre criança, espaço expositivo e arte contemporânea. Formação acadêmica em Pedagogia. Participa do grupo de pesquisa mediação cultural GPeMC, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mirian Celeste, da UPM. Professora de educação Infantil e ensino fundamental I na prefeitura de São Paulo desde 2016. [filippacostajorge@gmail.com](mailto:filippacostajorge@gmail.com)



**Maria José Braga Falcão** - Mosé : Professora - Artista. Dra. em Educação. Atuante nas áreas de Arte, Ensino, Pesquisa e Mediação Cultural. Membro do grupo de pesquisa Arte na Pedagogia - GPAP e Grupo de Pesquisa em Mediação Cultural: contaminações e provocações estéticas do Programa de Pós Graduação em Educação, Arte e História da Cultura e interessados, formaram este grupo inserido nesse programa da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Atualmente desenvolve projetos mediando ensino e fazer artísticos no Mosé- Atelier. [mariartefalcao@hotmail.com](mailto:mariartefalcao@hotmail.com)



**Mariane Blotta Abakerli Baptista** - Coordenadora do Bacharelado de Artes Visuais da Faculdade Santa Marcelina. Ministra aulas de Cultura Contemporânea e Cultura Visual no bacharelado em Artes Visuais e Organização das Políticas Públicas Educacionais, Didática e Prática de Ensino da Licenciatura em Música na Faculdade Santa Marcelina. Doutora em Artes Visuais e Educação pela Universidade de Barcelona (2014) e mestre em Cultura Visual pela Universidade de Barcelona (2009). É também pesquisadora do Grupo de pesquisa em Mediação Cultural. Em suas pesquisas, busca compreender como se constrói conhecimento em processos de formação. Na docência, dedica-se à formação em cultura visual no campo do ensino das artes visuais. [ma.abakerli@gmail.com](mailto:ma.abakerli@gmail.com)



**Mário Fernandes Ramires** - Bacharel e licenciado em História, pela Pontifícia universidade Católica de São Paulo. Possui Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Universidade Nove de Julho, Mestre em História Cultural, pela Universidade Federal de São Paulo e realiza o Doutorado no Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura – PPGEAHC -, da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Docente na educação básica e

no ensino superior, atuando principalmente em cursos de licenciatura, de graduação e pós-graduação.

[professormariomfr@hotmail.com](mailto:professormariomfr@hotmail.com)



**Mirian Celeste Martins** - Pesquisadora e Professora do Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura e no Curso de Pedagogia da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Líder dos grupos de pesquisa GPAP e GPeMC. Mestre em Artes pela Escola de Comunicações e Artes/USP e doutora em Educação pela Faculdade de Educação/USP.

[miriancelestemartins@gmail.com](mailto:miriancelestemartins@gmail.com)



**Mirza Ferreira** - Artista da Dança; Integrante do Grupo de Pesquisas Arte na Pedagogia (GPAP) e pesquisadora convidada do LABORARTE (FE-UNICAMP). Atua como professora de dança desde 1996, trabalhando nos diferentes níveis e setores de ensino: cursos livres, curso técnico profissionalizante

e ensino superior. É focalizadora de Danças Circulares e tem experiência na área de preparação corporal de cantores. Doutora em Educação na Área: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte (UNICAMP, 2017); Mestre em Educação na Área: Metodologia do Ensino (UNICAMP, 2001); Bacharel e Licenciada em Dança (UNICAMP, 1995). [mirza.danca@gmail.com](mailto:mirza.danca@gmail.com)



**Monique Andries Nogueira** - Bacharel em Música pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1985) e licenciada em Educação Artística pelo Conservatório Brasileiro de Música - Centro Universitário (1989). Mestra em Educação Escolar Brasileira pela Universidade Federal de Goiás (1994) e Doutora em

Educação pela Universidade de São Paulo (2002). Realizou estágios pós-doutorais em Educação na USP (2015) e em Estética na Universidade das Ilhas Baleares, Espanha (2016). Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Arte e Cultura (GECULT). Pesquisa e orienta trabalhos sobre Formação cultural de professores, Educação Musical, Arte, Cultura e Infância.

[moniqueandriesnogueira@gmail.com](mailto:moniqueandriesnogueira@gmail.com)



**Renata Queiroz de Moraes Americano** - Pesquisadora do GPAP e do Projeto de Ensino Ambiências educadoras. Na Escola Viva SP foi coordenadora e Vice-diretora Pedagógica. Foi professora do curso de Pós-graduação Abordagem Educativa Reggio Emilia, de cursos de extensão e da graduação em

Pedagogia do Instituto Singularidades. É assessora pedagógica do Acaia Pantanal. Integrante do educativo da Casa Lebre em Bragança Paulista. Trabalha também ministrando aulas para diretores, coordenadores e professores.. Doutoranda, mestranda em Educação, Arte, História e Cultura pela Universidade Mackenzie. Pedagoga, formada pela PUC-SP. Pós-graduada em Gestão e Currículo pelo Instituto Singularidades. [renataqamericano@gmail.com](mailto:renataqamericano@gmail.com)



**Rita de Cássia Demarchi** - Artista, pesquisadora, professora. Docente efetiva de Arte no IFSP - campus Cubatão. Pós doutorado e Mestrado em Arte pelo IA-Unesp. Doutorado em Educação, Arte e Cultura pela UPM. Possui experiências com a docência de disciplinas teóricas e práticas nas áreas

de arte e ensino de arte na educação não-formal, educação básica e superior. Sua produção poética envolve fotografia, pintura e ensaios. [ritademarchi@hotmail.com](mailto:ritademarchi@hotmail.com)



**Solange Utuari** - Doutoranda em Arte, Educação e História da Cultura na Universidade Presbiteriana Mackenzie, mestre em Artes Visuais pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), licenciada em Educação Artística pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), com especialização em Antropologia

pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (Fesp) e em Arte-Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Como pesquisadora e educadora, é proponente de estudos e ações para a formação de professores e do currículo de Arte. Autora de vários livros didáticos e de formação de educadores aprovados nos programas de PNLD e PNBE, suas obras já foram honradas com duas indicações ao Prêmio Jabuti, sendo uma delas premiada na categoria didático e paradidático. [solangeutuari@gmail.com](mailto:solangeutuari@gmail.com)



**Veronica Devens Costa** - Mestre em educação pela Universidade Federal do Espírito Santo/UFES, linha de pesquisa Linguagem Visual e Verbal, professora no ensino superior privado atuando no curso de Pedagogia e professora de Arte no Ensino Fundamental da Prefeitura Municipal de Vitória.

[veronicadevens@gmail.com](mailto:veronicadevens@gmail.com)

